



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

“Na Kombi com o Torcedor”

A voz do torcedor de futebol sobre assuntos dentro e fora de campo em
formato de podcast.

ANTONIO JOSÉ ABRITTA MORO

BRASÍLIA

2023

“Na Kombi com o Torcedor”

A voz do torcedor de futebol sobre assuntos dentro e fora de campo em
formato de podcast

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como pré-requisito para
obtenção de título de bacharel em
Comunicação Organizacional.

Professor Orientador: Doutor Guilherme
Lobão de Queiroz.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar expressando minha profunda gratidão a Deus por guiar cada passo nesta jornada acadêmica e me conduzir até este momento significativo.

Em seguida, quero estender meus agradecimentos aos meus pais, cujo apoio, incentivo e constante encorajamento me deram força e me guiaram durante toda minha trajetória acadêmica. Sem a presença e apoio deles, essa conquista não seria possível.

Às minhas queridas irmãs, que não apenas são partes fundamentais da minha vida, mas também verdadeiros exemplos de como construir uma carreira bem-sucedida. Sua força e determinação sempre foram fontes de inspiração, e agradeço por serem minha rede de apoio.

Agradeço também ao meu orientador, professor Doutor Guilherme Lobão de Queiroz, pela orientação dedicada, paciência e conhecimento que foram essenciais para o desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Aos professores, colegas e amigos que contribuíram com ideias e sugestões valiosas, discussões construtivas e apoio mútuo, meu sincero agradecimento. Cada interação moldou e aprimorou este trabalho.

Agradeço ao convidado Jorge Luiz, que aceitou participar do primeiro episódio deste projeto, por compartilhar conosco suas histórias, conhecimento e perspectiva sobre o futebol de antigamente e o de hoje em dia.

A todos que, de alguma forma, fizeram parte desta caminhada, meu mais profundo agradecimento. Esta conquista é o resultado de esforços coletivos, e levo comigo as lições aprendidas e os laços construídos ao longo dessa inesquecível jornada.

A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.

(Arthur Schopenhauer)

RESUMO

O podcast "Na Kombi com o Torcedor" é um programa que tem como propósito trazer torcedores para compartilhar suas experiências e conhecimentos relacionados ao futebol, com objetivos centrais de promover a inclusão social e de gênero. Como parte do trabalho de conclusão de curso, o produto aborda aspectos da área de comunicação organizacional, incluindo teorias da comunicação, técnicas de jornalismo em rádio e TV, planejamento de comunicação, bem como técnicas na área de publicidade e propaganda.

Palavras-chave: Podcast; Futebol; Torcedores(as); Inclusão.

ABSTRACT

The podcast "On the Van with the Fan" is a program designed to bring fans to discuss their experiences and knowledge related to football, with the main goals of promoting social and gender inclusion. As part of the final course project, the product addresses aspects of organizational communication, including communication theories, radio and TV journalism techniques, communication planning, and techniques in the field of advertising and publicity.

Keywords: Podcast; Football; Fans; Inclusion.

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	09
2 – PROBLEMA DE PESQUISA	11
3 – JUSTIFICATIVA	13
3.1 Justificativa Acadêmica	13
3.2 Justificativa Pessoal	14
4 – OBJETIVOS	16
4.1 Objetivo Geral	16
4.2 Objetivos Específicos	16
5 – REFERENCIAL TEÓRICO	18
5.1 Rádio no Brasil	18
5.2 Chegada da TV e reestruturação do rádio	19
5.3 Como surgiu o Podcast	20
5.4 Podcast no Brasil	21
5.5 Como produzir um Podcast	22
5.6 Desvalorização histórica	23
5.7 Racismo no Futebol	24
6 – METODOLOGIA	26
6.1 Análise de Conteúdo	26
6.2 Análise de Mercado	28
6.3 Delineamento do produto	29
6.3.1 Formato	29
6.3.2 Escolha do nome	31
6.3.3 Identidade visual	32

6.3.4 Vinheta	34
6.3.5 Roteiros	35
6.3.7 Publicação e divulgação	37
6.4 Episódio piloto	38
7 – CONCLUSÕES	40
8 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42
9 – APÊNDICES.....	44
9.1 Perguntas enviadas.....	44
9.2 Respostas recebidas	44
9.2 Roteiro	46
9.3 Cronograma	70

1 - INTRODUÇÃO

A comunicação atualmente revela uma enorme adaptabilidade aos padrões de consumo global, isso devido a existência da internet e pela variedade de meios disponíveis online. Nesse cenário dinâmico, os usuários se encontram imersos diante de tantas novas informações geradas diariamente. No entanto, essa dinâmica não é equitativa, pois nem todos os usuários que ocupam esse espaço se manifestam, e quando o fazem, muitas vezes são excluídos.

No caso do futebol, que é o esporte mais popular em nosso país Lima diz:

Desde a infância, ele se destaca como uma poderosa ferramenta de inclusão social nas instituições de ensino. Essa prática esportiva proporciona benefícios significativos no cotidiano, afastando crianças e adolescentes de trajetórias equivocadas. (LIMA, 2014, p.14-7)

Atualmente, é possível encontrar vários programas sobre futebol como Jogo Aberto, Terceiro Tempo, Arena SBT..., na maioria dos casos conduzidos por comentaristas, ex-atletas celebridades, atletas em atividade e representantes de emissoras, sem oferecer visibilidade exclusiva de torcedores e pessoas que não tiveram o futebol como centro de suas carreiras profissionais. Esse déficit de representação motivou a criação do projeto "Na Kombi com o Torcedor".

Adotando o formato de podcast, o programa contará com a participação de torcedores convidados, proporcionando discussões sobre temas dentro e fora de campo, além de compartilhar experiências de suas vidas. Inspirado em programas que abordam os assuntos de maneira descontraída, como "Que história é essa, Porchat?", e seguindo o exemplo do podcast mais ouvido do Brasil segundo a revista Rolling Stone¹ no Spotify em 2022, "Podpah", a atmosfera do "Fala Torcedor" visa ser envolvente e acessível.

É importante destacar que, com a transição do físico para o digital, novas desigualdades surgiram, mantendo algumas antigas. Assim como no mundo

¹ Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/entretenimento/podpah-com-igao-e-mitico-e-o-podcast-mais-ouvido-de-2022/>. Acesso em: 06/09/23

físico, o virtual também exclui parte da população. Conforme Pierre Lévy discute, o poder econômico, cultural e a capacidade de produção individual estão intrinsecamente ligados ao controle do fluxo de comunicação. revelando como o capitalismo exerce influência nos avanços realizados pela humanidade.

Parece de fato que os que agitam com mais força os espectros da exclusão, da desigualdade econômica e social ou da dominação americana, não são os verdadeiros desfavorecidos das nossas sociedades, mas antes os que correm o risco de perder, no turbilhão da metamorfose, uma parcela de poder. (LÉVY, 1998, p.43).

Este trabalho busca explorar essas dinâmicas, almejando contribuir para uma comunicação mais inclusiva no contexto do futebol e além.

2 – PROBLEMA DE PESQUISA

A respeito do grande universo midiático dedicado ao futebol, marcado por programas conduzidos por especialistas, ex-jogadores e representantes de emissoras, uma lacuna já existente, se torna ainda mais notável com as mídias digitais, onde se destaca a ausência de programas onde coloca o torcedor no espaço de fala e o apresentador no espaço de ouvinte. Este vazio de representação e participação direta destes entusiastas, que formam a essência do universo futebolístico, levanta questões sobre inclusão, representatividade e participação ativa nas discussões sobre o futebol.

A exclusão digital se manifesta não apenas na falta de visibilidade para os torcedores, mas também na perpetuação de vozes padronizadas e em sua maioria provenientes de especialistas do meio.

Na ausência de uma visão de complexidade sistêmica e ecológica, o espalhamento dos sistemas informáticos procurando o resgate das comunidades excluídas ficou reduzido a um projeto totalizador legitimando pela autoridade da ciência da tecnologia mais incapaz de evoluir sistema sustentáveis definidos pelas necessidades particulares de cada comunidade. (ZAPATA, 2017, p.22)

Como resultado, surge o problema central deste estudo: a limitada participação direta dos torcedores nos canais de comunicação sobre futebol. Essa ausência não apenas deixa uma parcela significativa da comunidade de fãs à margem das discussões, mas também contribui para a perpetuação de perspectivas unilaterais, muitas vezes desconectadas das experiências e emoções genuínas dos verdadeiros apaixonados pelo esporte.

Considerando a crescente importância da inclusão social, digital e da diversidade de vozes nos debates contemporâneos, especialmente no contexto esportivo, é importante investigar como a criação de um podcast dedicado exclusivamente aos torcedores pode preencher essa lacuna e oferecer um espaço mais inclusivo e representativo para as narrativas futebolísticas. Nesse sentido, a pesquisa buscará entender como a participação direta dos torcedores

em um programa de podcast pode impactar a dinâmica das discussões sobre futebol, proporcionando uma perspectiva mais autêntica, diversificada e inclusiva. A abordagem almeja contribuir não apenas para a compreensão dessa lacuna na comunicação esportiva, mas também para o desenvolvimento de estratégias eficazes de inclusão e participação ativa dos torcedores no cenário midiático do futebol, a partir da criação de um episódio piloto de um novo Podcast.

3 – JUSTIFICATIVA

3.1 Justificativa Acadêmica

A introdução da comunicação como um meio essencial para estreitar os laços entre as pessoas e o esporte reflete uma abordagem estratégica necessária no contexto do projeto "Na Kombi com o Torcedor". Fator motivador para o desenvolvimento deste trabalho é a promoção da inclusão social e superar barreiras de gênero, em resposta a acontecimentos recentes de racismo e cantos homofóbicos durante eventos esportivos.

Diante desse contexto, a proposta de utilizar técnicas de rádio e televisão na produção de um podcast reforça a busca por uma comunicação envolvente e abrangente. Essas técnicas não apenas visam informar, mas também criar um espaço interativo para conectar os torcedores e ampliar o diálogo sobre o esporte mais popular do Brasil.

Ao explorar a comunicação organizacional, tanto interna quanto externa, reconhecemos a importância de estratégias bem definidas para construir este projeto. A escolha de meios de comunicação interna adequados para atender às demandas específicas do podcast é crucial para garantir uma produção eficiente e eficaz. Paralelamente, as estratégias de consolidação externa do projeto requerem uma análise aprofundada, utilizando ferramentas como análise SWOT, técnicas SMART e outras abordagens da comunicação organizacional.

Além disso, ao integrar várias áreas de estudos da comunicação organizacional, o projeto busca uma compreensão abrangente do público-alvo, identificando os canais de divulgação mais eficazes. Esta abordagem não apenas fortalece a implementação do "Na Kombi com o Torcedor" como um projeto inclusivo, mas também contribui para a promoção de uma comunicação responsável e alinhada com as demandas diversificadas do público brasileiro.

Dessa forma, a justificativa acadêmica fundamenta a necessidade de explorar a comunicação como uma ferramenta estratégica no contexto do projeto, visando não apenas informar sobre o futebol, mas também conectar, incluir e ampliar a participação ativa dos torcedores na esfera midiática do esporte.

3.2 Justificativa Pessoal

Como torcedor apaixonado por um clube de futebol brasileiro, o Cruzeiro e estudante do curso de comunicação organizacional, meu envolvimento com o esporte e meu entendimento das dinâmicas comunicacionais me conduziram à identificação de uma lacuna significativa no cenário midiático futebolístico. A ausência de um programa profissional que traz amadores para protagonizá-lo. Isso despertou em mim uma forte necessidade de preencher essa lacuna e criar um espaço autêntico de representação para os verdadeiros entusiastas do esporte.

A observação dessa carência não é apenas uma percepção profissional, mas também uma necessidade interna de contribuir para a construção de uma narrativa mais inclusiva e participativa no universo futebolístico. Como torcedor, entendo as frustrações daqueles que compartilham a mesma paixão, mas que muitas vezes se sentem excluídos das conversas sobre o esporte que tanto amamos.

Ao perceber que há inúmeras pessoas com pensamentos semelhantes aos meus, com vontade de expressar suas opiniões e compartilhar suas experiências, surge uma motivação pessoal para a realização do projeto "Fala Torcedor". Este não é apenas um projeto acadêmico ou profissional; é uma busca por um canal onde a voz do torcedor, muitas vezes não ouvida, possa ser amplificada.

Enxergo o "Na Kombi com o Torcedor" como uma oportunidade de reunir pessoas com perspectivas diversas, enfrentando as dificuldades que muitos torcedores enfrentam para fazerem-se presentes no cenário esportivo. A necessidade de construir uma comunidade de apaixonados pelo futebol, proporcionando-lhes um espaço autêntico de expressão, impulsiona meu comprometimento com o projeto.

Dessa forma, a justificativa pessoal se alinha com a proposta do projeto, originando-se de uma identificação pessoal com as lacunas discutidas na introdução. Acredito que a criação desse podcast não apenas preencherá uma necessidade existente, mas também oferecerá uma plataforma autêntica para os

torcedores, tornando-se um espaço verdadeiramente inclusivo no universo futebolístico brasileiro.

4 – OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral

A proposta do podcast é entregar aos torcedores um programa exclusivo, não apenas como um canal dedicado ao futebol, mas também como um meio de inclusão e conexão com o esporte. Investigar como a criação de um podcast dedicado exclusivamente aos torcedores pode oferecer um espaço mais inclusivo e representativo para as narrativas futebolísticas

Este projeto visa não apenas preencher um espaço identificado na comunicação esportiva, conforme discutido na introdução, mas também promover a inclusão social e de gênero. Considerando as contínuas situações de racismo, homofobia e preconceito de gênero presentes no cenário esportivo, a série "Fala Torcedor" se posiciona como um agente de mudança, proporcionando um espaço seguro e representativo para a diversidade de vozes.

Ao introduzir histórias de torcedores, o projeto pretende ir além das análises convencionais do esporte, enriquecendo o cenário midiático com narrativas autênticas e pessoais. Dessa forma, almeja-se contribuir para uma compreensão mais profunda e empática do impacto do futebol nas vidas dos torcedores, ao mesmo tempo em que destaca a importância da inclusão e do respeito à diversidade no universo esportivo.

Assim, o "Na Kombi com o Torcedor" é uma iniciativa que busca transformar a narrativa esportiva, proporcionando um espaço para as vozes muitas vezes silenciadas dos verdadeiros apaixonados pelo futebol brasileiro.

4.2 Objetivos Específicos

- Escutar e debater com torcedores assuntos relacionados a futebol, tanto no campo, quanto fora dele, explorando suas experiências positivas e negativas;
- Dar visibilidade a torcedores que, apesar de possuírem experiência valiosa para compartilhar, encontram dificuldades na produção de conteúdo no meio digital;

- Aproximar cada vez mais o público e o esporte, proporcionando uma sensação de pertencimento e representatividade por meio do projeto "Fala Torcedor";
- Quebrar tabus e preconceitos, promovendo a inclusão de públicos muitas vezes excluídos do espaço esportivo devido ao machismo;
- Compreender o padrão de um podcast no formato de Talkshow .
- Desenvolver o produto com base em outros programas que adotam esse modelo, visando oferecer uma experiência atraente e alinhada com as preferências do público-alvo.

5 – REFERENCIAL TEÓRICO

5.1 Rádio no Brasil

A concepção inicial de uma transmissão de voz no Brasil ocorreu em 1901, com o padre brasileiro Roberto Landell de Moura destacando-se como pioneiro no emprego de ondas de rádio. A primeira apresentação pública de uma transmissão vocal teve lugar em São Paulo, abrangendo uma área territorial de oito quilômetros.

A empolgação pelo resultado levou Roberto a conseguir uma patente para desenvolver o que futuramente seria o rádio, só que infelizmente nem o governo e nem a marinha se interessaram em investir no seu projeto, que mais tarde seria desenvolvido fora e retornaria e causaria a abertura de várias emissoras após a primeira guerra mundial.

Voltando ao país em 1922, a transmissão da ópera Guarani feita sem fios, acontece através de alto-falantes instalados no topo do Corcovado e na Praia Vermelha. Na data em que o presidente da época faz um comunicado através da mesma transmissão inaugurando a radiotelefonia brasileira.

A primeira rádio brasileira hoje conhecida por rádio MEC, faziam transmissões educativas e culturais, o que foi inspirando rádios amadoras Castro assemelha a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro a uma academia de ciências.

Não era nada parecido com a rádio que logo se faria no Brasil. Ao contrário, com o seu programa de “educação em massa”, a Rádio Sociedade parecia, a princípio, uma extensão da academia de Ciências. Os acadêmicos faziam tudo: produziam, escreviam e apresentavam os programas. (CASTRO, 2002, p. 6)

Após se estabelecer como um meio de comunicação em massa na década de 1930, é essencial compreender o ponto em que o rádio assume uma natureza comercial, impulsionado por um decreto que legalizou práticas publicitárias.

5.2 Chegada da TV a reestruturação do rádio

A chegada da televisão no Brasil, marcada pela estreia da TV Tupi em 18 de setembro de 1950, foi um divisor de águas na forma como a sociedade brasileira consumia informação e entretenimento. A inauguração da TV Tupi representou não apenas a introdução de uma tecnologia revolucionária, mas também o início de uma nova era de comunicação visual. Com programas inovadores, como teleteatros e variedades, a televisão passou a ser uma presença constante nos lares brasileiros, proporcionando uma experiência audiovisual única.

Nessa época a indústria cinematográfica apesar de algo extremamente inovador para 1950, ainda não tinha sido consolidada. Então começa a busca no rádio por profissionais, produtos e até mesmo linguagens usadas.

Em 1950 a primeira emissora, a TV Tupi-Difusora, de São Paulo, embrião da Rede Tupi, e as estações seguintes foram buscar no rádio linguagem, profissionais e produtos, já que não havia uma indústria cinematográfica consolidada. (BRITTOS, 1999, p. 4)

Após a introdução da televisão, tornou-se evidente ao longo do tempo a migração de profissionais do rádio para a TV. No entanto, esse movimento coincidiu com um aumento significativo nos investimentos das empresas no setor publicitário, resultando em uma redução do aporte financeiro destinado aos rádios.

Em decorrência desse cenário, o rádio passou por uma reestruturação marcante. Inicialmente, voltou-se para a produção de programas mais econômicos, ao mesmo tempo em que buscava atrair o público em geral. Dessa forma, o rádio deixou de ser exclusivamente um veículo de informação familiar, transformando-se em um serviço mais individualizado e, por conseguinte, fortalecendo-se.

Buscando novos caminhos o rádio “aprendeu a trocar os astros e estrelas por discos e fitas gravadas, as novelas pelas notícias e as

brincadeiras de auditório pelos serviços de utilidade pública. (ORTRIWANO, 1985, pp. 21-22).

Na década de 1960 surgem as FMs. Em 1967 é criado o Ministério das Comunicações. Acontecimentos que foram reformulando a estrutura das rádios e das comunicações. Criado com o objetivo de unir e fazer o país crescer, compartilhando informações, ressaltando a importância da educação e cultura, e garantindo a segurança. Integrar as regiões é uma parte importante para fazer o país progredir, como políticas para melhorar serviços e apoiar indústrias e tecnologias locais.

... o Ministério das Comunicações (MC), desde a sua fundação, tinha como objetivos a promoção da integração e do desenvolvimento nacionais, a difusão da informação, educação e cultura, e a garantia da segurança nacional. A ideia de integração faz parte da promoção do desenvolvimento, tal como refletido em políticas de prestação de serviços relativos ao setor e de incentivo à consolidação de indústrias e de tecnologias nacionais. (PIERANTI, 2007, p. 43)

5.3 Como surgiu o Podcast

No ano de 2004, já era viável a distribuição de arquivos com programas de áudio. Foram realizados testes envolvendo o download automático de arquivos de áudio, associados diretamente a empresas responsáveis pela produção desse conteúdo, visando lucro. Entretanto, devido a dificuldades em tornar o sistema lucrativo, essas experiências foram eventualmente largadas.

Com a continua produção em massa de aparelhos que reproduziam áudios em MP3 surgiram novas ideias. No próprio ano de 2004, Adam Curry desenvolveu, com base em um roteiro elaborado por Kevin Marks, uma maneira de transferir arquivos de áudio disponibilizados na plataforma iTunes. Inicialmente, o iTunes era amplamente utilizado para fornecer conteúdo para iPods, os populares tocadores de música da Apple.

As emissoras, visando modificar os horários de seus programas na grade, começaram a arquivar esses conteúdos na internet para facilitar que seu público pudesse escutar o produto em qualquer horário do dia.

Segundo a UNESCO (2010) curiosamente, o termo "podcast" não foi concebido intencionalmente; o radialista e jornalista de tecnologia britânico Ben Hammersley o criou acidentalmente, ao fazer referências ao iPod, produto da Apple, e ao termo "broadcast", que significa transmitir.

Em 2014, a própria Apple lançou um aplicativo chamado "Podcast" em seus dispositivos eletrônicos, popularizando assim o termo e seu conceito a nível mundial. Segundo a UNESCO (2020) essa novidade representou uma abordagem inovadora para utilizar o poder da voz na disseminação de uma ampla gama de temas, dado que sua produção era fundamentada em técnicas de jornalismo radiofônico. Desde então, o gênero "Podcast" experimentou um crescimento notável, assumindo diversas formas e ganhando cada vez mais popularidade em termos de conteúdo, produção e adição de novos temas.

Atualmente, as principais distinções entre os podcasts e as mídias tradicionais residem na facilidade de produção e no sistema de transmissão e distribuição. Djaine Damiaty Rezende (2007) traz a ideia de que a capacidade de descentralizar a produção e oferecer espaço para diversas vozes tornou-se possível devido à evolução do meio online. Com custos de produção mais acessíveis e uma exigência técnica menos rigorosa, observamos um crescimento exponencial na criação e compartilhamento de conteúdo e conhecimentos por meio de podcasts.

5.4 Podcast no Brasil

O primeiro podcast no Brasil surgiu em 2004, através do Digital Minds feito por Danilo Medeiros, após esse marco no país surgiram outros produtos de podcast no país, produzidos bem semelhantes iguais aos norte-americanos, poucos ou nenhum corte de edição, os primeiros produtores no Brasil eram ouvintes que conheciam a proposta.

Em 2005 aconteceu a primeira Conferência Brasileira de Podcast (PodCon), realizado em Curitiba Paraná. No mesmo ano acontece o movimento chamado “podfade”, o primeiro boom do podcast. Em 2008, o Prêmio iBest, uma das principais premiações brasileiras dedicadas à internet, introduziu a categoria de podcast. A avaliação era realizada por meio de votação popular, e o Nerdcast conquistou o prêmio, seguido pelo Rapaduracast e Monacast.

Inicialmente com ausência de grandes empresas de mídia produzindo esse tipo de material fez com que os primeiros produtos surgissem por conta de iniciativas pessoais trazendo conteúdos que inicialmente não atraíam os meios de comunicação em massa. Camila Braunas de Oliveria (2020) traz a ideia que os “podsfera” mesmo sendo concorrentes, tinham suporte mútuo para sustentação de suas produções e alavancagem de mídia.

5.5 Produzindo um Podcast

Para produção de um podcast o principal ponto é entender a necessidade do que demanda o público, compreender o espaço que o mercado apresenta para se posicionar dentro dele. Entender o público-alvo, segundo manual de como criar um podcast do FNDE (2020) é essencial para estruturar a linguagem e apresentação desse produto.

Ao abordar a questão da captura de áudio, é fundamental investir em equipamentos de qualidade para assegurar uma reprodução clara e nítida. Além disso, compreender as técnicas de edição é crucial para aprimorar a experiência auditiva do ouvinte.

A elaboração de um roteiro bem estruturado é um pilar central na produção de podcasts de sucesso. A montagem de perguntas criteriosas, elaboradas antecipadamente à gravação, assegura que o tema seja fluido, envolvente e alinhado aos objetivos pré-estabelecidos. Um roteiro bem planejado não apenas mantém a audiência engajada, mas também evita desvios indesejados do tópico central.

Outro aspecto relevante é a escolha de uma plataforma de exposição para o podcast. Existem várias opções disponíveis, cada uma com suas

características distintas. A seleção adequada dependerá das necessidades específicas do produtor, como a facilidade de distribuição, métricas de desempenho e a capacidade de alcance da audiência.

Além disso, estratégias de promoção são essenciais para aumentar a visibilidade do podcast. Utilizar redes sociais, parcerias com outros criadores de conteúdo e a promoção cruzada são maneiras eficazes de ampliar o alcance do seu podcast.

Por fim, para produzir um podcast de qualidade envolve não apenas o conhecimento do público-alvo e a expertise técnica, mas também a habilidade de contar histórias envolventes, criar uma identidade única e promover o conteúdo de maneira eficaz. Ao seguir esses passos essenciais, os produtores podem construir um podcast cativante que vibra com os ouvintes e se destaca na vasta paisagem do universo podcast.

5.6 Desvalorização histórica do Futebol

Até 1930, a profissão de jogador de futebol era amplamente menosprezada pela sociedade brasileira. Esses atletas eram frequentemente associados a hábitos negativos, sendo vistos como pessoas vagais, frequentadoras de ambientes como botecos e casas de sinuca, muitas vezes tratados com desprezo a um status social inferior. Esse estigma social contribuía para a desvalorização da profissão, levando os jogadores a uma posição marginal na sociedade.

Essa percepção depreciativa do jogador de futebol era reflexo de preconceitos enraizados que permeavam a mentalidade da época. O estereótipo associado a esses atletas contribuía para a falta de reconhecimento e respeito em relação à profissão, tornando-a socialmente desvalorizada.

A regulamentação da profissão de jogador de futebol, ocorrida apenas em 1976, representa um marco importante na história do esporte no Brasil. Esse atraso na regulamentação reflete não apenas a demora em reconhecer a importância e o profissionalismo dos jogadores, mas também evidencia as visões preconceituosas profundas na sociedade em relação a esses atletas. A

ausência de uma estrutura regulatória anterior reforça como a sociedade, por muito tempo, subestimava a seriedade e o valor do trabalho desempenhado pelos jogadores de futebol.

Portanto, a demora na regulamentação da profissão não apenas reflete a falta de reconhecimento social e profissional dos jogadores, mas também ressalta a necessidade de desafiar e superar os preconceitos que historicamente cercavam essa ocupação. Essa evolução ao longo do tempo destaca a importância de questionar e combater estereótipos que podem obscurecer o verdadeiro valor e impacto positivo do futebol e de seus praticantes na sociedade.

5.7 Racismo no Futebol

A história do futebol brasileiro é marcada por episódios lamentáveis de racismo que lançam luz sobre as profundas questões de segregação racial presentes na sociedade. Desde os primórdios do esporte no país, jogadores negros enfrentaram discriminação e preconceito, refletindo o contexto mais amplo de desigualdade racial.

Um exemplo emblemático remonta a 1914, quando o jogador Carlos Alberto, para poder participar das partidas usando a camisa do Fluminense, era obrigado a aplicar pó de arroz em seu corpo, evidenciando a triste necessidade de esconder sua cor de pele.

Desde 1990, Waldenyr Caldas discutia em sua obra intitulada "Racismo no Futebol" como essa problemática estava enraizada na cultura do esporte. Historicamente, eles apresentam eventos de racismo no futebol desde 1950, destacando a grande questão da impunidade para as organizações que permitiam que seus torcedores perpetuassem essas ações, já profundamente enraizadas em suas tradições.

Apesar do destaque para o Brasil, é importante destacar que em ligas de renome, episódios de racismo são mais recorrentes do que muitos imaginam. Para ilustrar, recentemente, ganhou reconhecimento internacional o caso do atleta Vinícius Jr., amplamente noticiado por veículos de prestígio mundial, como

o New York Times, El País, Le Monde, entre outros. Essas situações muitas vezes surgem como parte de confrontos entre torcidas, como no incidente ocorrido durante a Copa Libertadores da América, envolvendo as torcidas dos clubes argentinos Boca Juniors e River Plate, que proferiram gestos e palavras racistas em estádios brasileiros.

Contudo, os dias de hoje têm testemunhado uma mudança gradual, mas significativa, na abordagem do futebol em relação ao racismo. Casos como o do jogador Vinícius Jr. ganham reconhecimento internacional, destacando a persistência desse problema, mas também gerando debates cruciais sobre a necessidade de ações mais contundentes.

Iniciativas têm sido implementadas para combater o racismo no futebol, incluindo programas educacionais, campanhas antidiscriminatórias e penalidades mais severas contra comportamentos racistas. As entidades esportivas, os jogadores e os torcedores têm papel crucial nesse processo, promovendo uma mudança cultural que rejeite o racismo e celebre a diversidade no esporte.

Embora desafios ainda persistam, a conscientização crescente e a pressão por mudanças indicam um caminho em direção a um futebol mais inclusivo e respeitoso. O combate ao racismo no esporte é um esforço coletivo que requer a participação ativa de todos os envolvidos, contribuindo para um futuro em que o futebol seja verdadeiramente um símbolo de união, igualdade e respeito.

6 METODOLOGIA

6.1 Análise de Conteúdo

O projeto é inspirado em dois programas notáveis: o talkshow “Que história é essa Porchat?” e o podcast “PodPah”. Essas influências foram cuidadosamente incorporadas para criar uma experiência única e envolvente, combinando a descontração do formato de talk show com a intimidade e autenticidade do podcast.

Para elaborar e estruturar este projeto, a escolha mais qualificada é a análise de conteúdo. Essa abordagem envolve a investigação de um produto com conteúdo e estrutura preexistentes, uma técnica que remonta a tempos antigos e que tem evoluído e se aprimorado ao longo do avanço da humanidade.

Tal produz-se, sobretudo, quando o analista se dedica a um domínio da investigação, ou a um tipo de mensagens pouco exploradas, onde faltam ao mesmo tempo a problemática de base e as técnicas a utilizar.
(BARDIN, 1997, p. 30)

Como mencionado anteriormente, a análise de conteúdo é uma técnica que tem evoluído e se estruturado como método de estudo, compreendendo três fases essenciais.

- **Estabelecer unidade de análise:** Esta etapa consiste na definição do elemento básico de análise, centrando-se em palavras-chave ou preposições relacionadas a um determinado tema. Por exemplo, ao estabelecer "Podcast" e sua conexão com "Técnicas de Jornalismo em Rádio e TV", o objeto principal de estudo pode ser compreendido como um possível sujeito de estudos do segundo.

- **Determinar as categorias de análise:** Aqui, refere-se à seleção e classificação dos dados, incluindo a identificação dos temas abordados na comunicação. Por exemplo, as categorias de análise podem ser organizadas em dois blocos, um relacionado ao Podcast e às palavras-chave usadas nos discursos presentes em vídeos online sobre o assunto, e o outro relacionado ao entendimento de "Técnicas de Jornalismo em Rádio e TV" e às palavras-chave usadas nos discursos sobre o mesmo.

- **Selecionar uma amostra do material de análise:** Esta fase envolve a definição dos critérios para a escolha da amostra. Segundo Ezequiel Ander-EGG (1978) traz a ideia que, os critérios de seleção dos vídeos a serem analisados no YouTube podem incluir o número de acessos nos últimos seis meses, o sistema de produção, o sistema linguístico e o foco relevante do assunto na amostra.

O objetivo principal deste projeto é a produção de um podcast, e as escolhas dos programas de referência foram baseadas na relevância e alcance no mercado de consumo brasileiro, bem como no formato apresentado por cada programa.

A análise dos episódios concentrou-se em compreender diversas categorias, como o estilo de linguagem adotado para abordar assuntos sérios com leveza, a introdução de pautas, a duração dos episódios, a interação social com os ouvintes e telespectadores, e a forma como os apresentadores desenvolviam a sensação de pertencimento ao público, estabelecendo uma conexão entre as histórias do convidado, o público e o apresentador.

Foram escolhidos dois episódios do Podpah: um com o jogador de futebol Rodrygo Goes², que atua pelo Real Madrid, e outro com Cafú³, ex-jogador de futebol e campeão do mundo pelo Brasil. Essa escolha teve dois propósitos principais: observar a diferença na abordagem dos apresentadores em relação a pessoas de diferentes idades e como conduzem os assuntos extracampo com convidados de idades tão distintas; e, em segundo lugar, por se tratar de duas personalidades que, ao contrário do propósito deste projeto, atuaram ou atuam na profissão tanto no Brasil quanto no exterior.

A análise do programa "Que história é essa Porchat"⁴ visa compreender como o apresentador destaca o lado cômico das experiências vividas pelos entrevistados, como aborda os assuntos mais pessoais dos convidados, qual linguagem é empregada, qual a dinâmica e a intensidade da troca entre o apresentador e o convidado.

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mPGHYRqX1HU>. Acesso em: 20/09/23

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mXxNZWO9vXk>. Acesso em: 20/09/23

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XUNabmAbMl8>. Acesso em: 21/09/23

6.2 Análise de mercado

O cenário dos podcasts no Brasil tem testemunhado uma expansão notável, a revista Forbes⁵ realizou uma pesquisa para descobrir tendências de consumo na produção de um podcast, com base em dados fornecidos pelo serviço de streaming Spotify. Somente no ano de 2023, de janeiro a setembro, a produção de podcasts no país registrou um aumento significativo de 36%, enquanto a média de consumo cresceu em 28%.

Esse grande crescimento é impulsionado pela ampla variedade de conteúdos que esses podcasts oferecem, abrangendo temas tão diversos como política, gastronomia, lazer, esportes, entre outros. As gerações mais jovens estão migrando dos meios tradicionais, como televisão e jornais físicos, para o espaço digital, onde a oferta é mais vasta e ágil. Os podcasts representam uma adaptação a essa nova era digital, com um poder de consumo tão marcante que até o atual presidente do país, Lula, participa de um podcast cujo público majoritário é dessa nova geração.

Na pesquisa realizada pela Forbes, também são apontadas algumas tendências para aquelas que pretendem começar um podcast ou já possuem um. O vídeocast é apontado como uma das maiores tendências, com plataformas como o Spotify oferecendo a produção final em formato audiovisual para consumo. Outra tendência apontada na pesquisa que foi realizada é uma abordagem mais intimista entre o locutor e o público, assim como entre apresentador e convidado, privilegiando histórias e experiências mais pessoais.

Ao considerar o crescimento dos podcasts no mercado brasileiro, é possível definir um nicho específico que pretendemos atingir: os torcedores de futebol. Este esporte, o mais popular do país, conta apenas com as três maiores torcidas para reunir mais de 90 milhões de pessoas. Este é um nicho que gera bilhões anualmente e sempre apresenta novos produtos para consumo.

⁵ Disponível em: Podcasts: as 5 tend <https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/10/as-5-tendencias-mais-recentes-para-podcasts-no-brasil/>ências mais recentes no Brasil - Forbes. Acesso em: 03/10/2023

Contudo, o grande desafio no campo do audiovisual é que a maioria dos programas extracampos é conduzida por apresentadores de TV, ex-jogadores famosos e narradores. Há uma lacuna evidente para material de qualidade na área do audiovisual que dê espaço aos torcedores. Isso representa uma oportunidade aberta para introduzir algo esteticamente atraente, aproximando o torcedor do esporte e alinhando-se ao crescimento e tendências do universo dos podcasts.

6.3 Delineamento do produto

6.3.1 Formato

A escolha de produzir o podcast em formato de áudio e vídeo é estratégica, levando em consideração o alcance expressivo proporcionado por plataformas populares como TikTok, Instagram e YouTube. Essas redes sociais são reconhecidas pela sua amplitude de público, atingindo uma vasta comunidade de usuários. Ao optar por conteúdos em formato de áudio e vídeo, estamos alinhados com a dinâmica dessas plataformas, onde tais tipos de mídia são otimizados pelos algoritmos.

Dentro desse cenário, é importante ressaltar que os algoritmos são ferramentas utilizadas por essas organizações, uma ferramenta do capitalismo em que a vigilância é constante e o indivíduo é explorado ao máximo, compreende o consumo do público final que hoje consome principalmente cortes realizados do produto, resultando em uma maior propagação e visibilidade orgânica. Essa abordagem não apenas se ajusta às preferências algorítmicas, mas também capitaliza a preferência dos usuários modernos por experiências multimídia envolventes. Portanto, a produção em formato de áudio e vídeo não apenas maximiza o alcance, mas também potencializa a eficácia na interação e no engajamento do público, aproveitando as características específicas dessas plataformas de compartilhamento de conteúdo.

Outro motivo para desenvolver o produto nesse formato é a capacidade de reutilizar o conteúdo em formato de cortes para o Reels do Instagram,

publicações no TikTok, exibição do episódio completo no YouTube, edições específicas na mesma plataforma e aproveitamento do áudio em serviços de streaming como Deezer e Spotify.

Considerando a longevidade do programa com intenção de se expandir pós cenário universitário, foi fundamental realizar uma análise dos seguintes requisitos para a escolha do local de gravação:

- Estrutura do cenário e sua longividade;
- Captação de áudio apresentador e convidado(s);
- Captação de vídeo.

Nesse contexto, foi realizada uma análise de diferentes locais para identificar a opção mais vantajosa para o programa.

ESTUDO DO LOCAL:

LOCAL	ÁUDIO	VÍDEO	CENÁRIO	VALOR
UnB	Captação para até 3 pessoas	Inviável	Inviável	Gratuito
Estúdio Guará	Captação para até 4 pessoas	Captação possível de 3 ângulos	Cenário único	R\$ 500,00 (Hora/ equipamentos)
Setor Comercial Sul	Captação para até 4 pessoas	Captação possível de 3 ângulos	Espaço com 2 opções de cenário	R\$ 2.200 (Produção Completa)
Uberlândia	Captação para 2 pessoas	Captação possível de 3 ângulos	Espaço com 3 opções de cenário	R\$ 450,00 (Diária/ equipamentos)

O estúdio escolhido está localizado em Uberlândia, MG, e foi selecionado levando em consideração diversos fatores, como a acessibilidade, com transporte disponível a partir de R\$ 44,00 ida e volta, a possibilidade de hospedagem gratuita para quem reside na cidade, a qualidade do cenário e a conveniência para gravações contínuas.

Dado que o podcast terá apenas captação de áudio para dois participantes, composto pelo apresentador e pelo convidado(a), a preferência é por residentes da cidade de Uberlândia, MG, visando evitar acréscimos nos

custos de produção. Caso o projeto ganhe impulso, há planos futuros de realizar captação de convidados(as) em outras regiões.

O tempo estipulado para cada episódio foi baseado em dados divulgados pela empresa Riverside, especializada em fornecer ferramentas para criadores de conteúdo e empresas, com foco na criação de vídeos de alta qualidade. A empresa compartilhou informações sobre a duração média dos podcasts criados por seus usuários, servindo como referência para o planejamento dos episódios.

- 13,6% dos podcasts têm menos de 15 minutos de duração;
- 31,3% dos podcasts têm entre 15 e 30 minutos de duração;
- 32,1% dos podcasts têm entre 30 e 45 minutos de duração;
- 18,4% dos podcasts têm entre 45 e 60 minutos de duração;
- 4,6% dos podcasts têm mais de 60 minutos de duração.

Levando em consideração este estudo foi estabelecido um tempo médio de 35 a 45 minutos para o podcast, uma duração que visa manter a qualidade do produto, permitindo que os convidados expressem suas experiências e debatam sobre o futebol contemporâneo.

Com o local, o tempo e o número de participantes em cada episódio definidos, foi possível selecionar o cenário ideal, escolhendo entre três opções disponíveis no estúdio em Uberlândia. A primeira alternativa seria uma sala de gravação, seguindo o padrão de outros programas de podcast como Flow e PodPah. A segunda opção propunha um ambiente diferenciado, com grades pretas diante de uma parede em tom de cimento queimado, assemelhando-se a imagens de venda de camisetas de times de futebol. A terceira opção, a escolhida, consiste em uma bancada com o formato de uma kombi decorativa da empresa que restaura esses veículos, proporcionando um ambiente descontraído para as gravações. Este cenário apresenta uma atmosfera agradável, com uma paisagem ao fundo proporcionada pelo fundo de vidro e uma iluminação nítida acima do apresentador e convidado.

6.3.2 Escolha do nome

O primeiro passo foi decidir o nome do projeto, inicialmente escolhido como "Fala Torcedor". Entretanto, já existiam outros produtos na esfera audiovisual com o mesmo nome, embora fossem nichos diferentes, sem relação com o formato de podcast. A situação mudou recentemente com o surgimento de um canal apresentado por Moisés Lion, que, neste caso, é um podcast discutindo campeonatos na região de Xerém, um bairro do estado do Rio de Janeiro.

Pensando em possíveis problemas futuros com questões de marca, foi necessário repensar o nome do programa. Durante esse processo, consideramos para quem o programa era destinado, quem o produzia e o cenário em que ocorria. Inicialmente, criamos um mapa de ideias, resultando em vários possíveis nomes. Contudo, o título escolhido foi "Na Kombi com o Torcedor". Essa escolha foi influenciada pelo cenário, já que o programa é gravado em uma bancada com o formato de uma kombi, sendo produzido por torcedores para um público-alvo composto por torcedores. Assim, surgiu o nome que melhor se alinhava com o propósito e ambiente do programa, além de lembrar o transporte que muitos torcedores usavam antigamente para ir aos jogos.

6.3.3 Identidade visual

Para desenvolver a identidade visual do projeto, a ênfase foi colocada na representação da Kombi, escolhida como elemento principal, visto que é tanto o protagonista do cenário quanto o nome do próprio podcast. No design do logo, o círculo posicionado atrás da Kombi simboliza o sol, uma escolha que reflete o fato de muitos jogos ocorrerem aos domingos, geralmente nos horários das 16h ou 18h.

Acima, um retângulo atua como uma placa direcional, indicando o local na Kombi. O arco acima do sol sugere um fim de tarde, evocando a atmosfera de um pôr do sol. O cenário de fundo em azul mais escuro foi selecionado para evitar excesso de claridade em apresentações com fundo branco, enquanto o tom de azul marinho final cria um efeito de sombra para trás, conferindo profundidade à composição.

A fonte escolhida, a Bukhari Script, apresenta formas mais arredondadas, proporcionando um toque de criatividade à logo. Essa escolha destaca-se de maneira equilibrada, sem desviar a atenção do elemento central, a Kombi, e adiciona uma estética atraente à logo, devido à sua semelhança com uma escrita à mão.

A cor laranja foi incorporada para transmitir a sensação de alegria e entusiasmo, buscando cativar o espectador. Os tons de azul foram escolhidos para criar contraste dentro do logo, proporcionando formas e significados distintos, bem como acrescentando elegância e seriedade. Apesar da abordagem descontraída, o podcast explorará temas sérios sobre o esporte, exigindo a atenção do público. As cores branca e preta foram utilizadas para realçar o contraste na escrita em relação aos elementos visuais.

LOGO:



FONTES:

Bukhari Script

GAGALIN

CORES:



6.3.4 Vinheta

Para criar a vinheta, realizamos a busca em bancos de dados gratuitos por uma trilha sonora vibrante, buscando capturar a emoção positiva dos estádios e transmiti-la para o projeto. Determinamos que a duração ideal seria de nove segundos para abranger a exibição completa da vinheta, que apresenta a imagem da logo transitando para a imagem do apresentador.

O desafio significativo foi encontrar elementos que complementassem a vinheta, garantindo que não fosse apenas uma mera semelhança ao design da logomarca do podcast. Optamos por adicionar uma textura de papel pintado ao fundo, com falhas na tintura, além de detalhes nas laterais com a textura de uma folha de papel rasgada, tanto em cinza quanto em laranja, esta última presente na logo. Essa escolha visou harmonizar a área do campo de visão, conferindo uma identidade única à vinheta.

Na segunda parte da vinheta, após a transição, destacamos o apresentador. Dado que o podcast é novo, consideramos crucial ressaltar quem é o apresentador para que as pessoas possam conhecê-lo e estabelecer um vínculo. Isso incentiva a busca por interações em outras plataformas, promovendo uma conexão mais significativa entre o público e o apresentador do podcast.



6.3.5 Roteiros

A elaboração dos roteiros seguirá um padrão consistente ao longo de todos os episódios do podcast. Quando avaliamos possíveis convidados(as) para cada episódio, encaminhamos um questionário ao tema a ser abordado no episódio "X". Isso visa compreender em profundidade sobre qual tópico o(a) convidado(a) se sente mais à vontade para dialogar e quais perguntas são mais confortáveis para eles ou elas responderem.

Após o envio e recebimento das respostas, determinamos quais perguntas serão incluídas durante a gravação. Além disso, a partir desse questionário, identificamos quais outras perguntas podem ser agregadas, contribuindo para uma abordagem mais rica e aprofundada durante o episódio.

6.3.6 Produção do Podcast

Após a seleção do local e a definição do formato do podcast, a etapa crucial seguinte foi a busca por convidados(as). Para selecionar foi feita uma avaliação da persona.

Nome	Idade	Onde mora	Profissão	Experiência com o futebol
Marcela Brixner	23	Brasília Michigan	Estudante	Ex-jogadora das categorias de base do grêmio, jogadora na faculdade de Michigan, e criadora da primeira página do Grêmio no Instagram
Jorge Luiz	72	Uberlândia	Aposentado	Ex-atleta nas categorias de base e Ex-jogador de futebol na década de 1960 e 1970, jogou nos times do Operário – PR, Araguari e Uberlândia. Filho de ex-jogador do Fluminense

Os dois possíveis convidados têm temas interessantes a serem abordados em diferentes temas. Uma pessoa que enfrenta a desigualdade de gênero no esporte, outra que tentou o profissionalismo no esporte na época no qual o futebol era desvalorizado. Após a inviabilidade da Marcela Brixner para gravação do episódio piloto, foi feito contato para a participação de Jorge Luiz.

Após a gravação, tanto o vídeo quanto o áudio passaram por processos de edição utilizando o programa Wondershare filmora. Essa fase de pós-produção visa aprimorar a qualidade final do conteúdo, garantindo uma experiência mais agradável e profissional para os ouvintes.

6.3.7 Publicação e divulgação

O conteúdo será publicado no dia 20 de dezembro de 2023 na plataforma YouTube, especificamente no canal "Na Kombi com o Torcedor". Além disso, estrategicamente, foram criados perfis nas redes sociais Instagram e TikTok, considerando sua popularidade atual. Essas plataformas são amplamente utilizadas, tornando-se canais ideais para a divulgação do programa.

Nos perfis do Instagram e TikTok, a abordagem visa compartilhar posts introdutórios do programa, apresentar o convidado de cada episódio e compartilhar trechos envolventes dos episódios. A importância dos cortes dos episódios é destacada, pois a disseminação exponencial de conteúdo é frequentemente impulsionada por vídeos curtos, e esses recortes servirão como atrativos para engajar a audiência.

Além disso, para expandir ainda mais a visibilidade, o projeto tem um planejamento futuro de aumentar o compartilhamento desses vídeos curtos em outras plataformas, como Twitter e Spotify, buscando alcançar diferentes públicos. A estratégia de divulgação visa aproveitar ao máximo as características de cada rede social, garantindo uma presença abrangente e interativa para o podcast "Na Kombi com o Torcedor".

Através de pesquisa realizada online⁶ foi constatado que:

⁶ Disponível em: Qual a rede social mais usada em 2023? A resposta vai te surpreender (tec <https://www.techtudo.com.br/listas/2023/07/qual-a-rede-social-mais-usada-em-2023-a-resposta-vai-te-surpreender-edapps.ghhtmltudo.com.br>). Acesso em: 16/12/2023.

Plataforma	Quantidade de usuários no Brasil	Valor mínimo de investimento inicial	Valores pagos por cada plataforma
YouTube	141 milhões	YouTube Ads: R\$ 0,10	U\$ 0,01 até U\$ 0,03 por visualização
Instagram	113,5 milhões	Meta: R\$ 1,00	U\$ 0,01 até U\$ 0,02 por visualização
TikTok	74,1 milhões	TikTok Ads: U\$ 50,00	U\$ 0,15 a cada 1000 visualizações
Spotify	50 milhões	Não identificado com clareza.	U\$ 0,04 a cada 10 visualizações

Com base nas informações divulgadas, a escolha da principal rede para divulgação será a plataforma do Instagram, as ferramentas são de mais fácil compreensão e manipulação, que além de ser a segunda plataforma com mais usuários no Brasil faz também a segunda melhor remuneração por visualização.

6.4 Episódio piloto

O episódio piloto é um marco fundamental na estreia deste podcast. Internamente, representou uma valiosa oportunidade de aprendizado, proporcionando insights sobre os desafios inerentes à produção integral de um episódio. O primeiro obstáculo surgiu com o cancelamento de última hora da convidada inicial, o que exigiu uma busca imediata por um substituto para a gravação.

Nosso convidado foi Jorge Luiz, um ex-atleta de 72 anos, que demonstrou disposição em participar do episódio. Viveu seu auge esportivo em uma época em que o futebol era subvalorizado, com poucos jogadores destacando-se nacional e internacionalmente. Por esse motivo, ele nunca encarou o futebol como uma profissão, apesar de ter integrado times profissionais. Jorge sempre manteve o futebol como uma paixão, conciliando sua dedicação ao esporte com outras carreiras profissionais ao longo de sua vida.

Atualmente, ele acompanha o futebol pela televisão, dedicando especial atenção ao seu time do coração, o Botafogo, em meio a uma temporada repleta de altos e baixos.

O roteiro da gravação concentrou-se na narrativa da vivência de Jorge Luiz com o futebol, explorando seus primeiros contatos com o esporte e abordando a notável transformação do futebol das décadas de 60 e 70 para a realidade atual. A conversa culminou com discussões envolvendo, principalmente, o campeonato brasileiro e a seleção brasileira.

Externamente, o principal desafio do episódio inaugural foi cativar a audiência do futebol, proporcionando um espaço para as histórias de indivíduos que, apesar de ausentes nos meios de comunicação convencionais e digitais, possuem relatos fascinantes. A intenção é ir além das narrativas convencionais, destacando perspectivas únicas e oferecendo uma plataforma para vozes muitas vezes negligenciadas. Este episódio inaugural serve como um convite para explorar o universo do futebol por meio de experiências pessoais, enriquecendo o cenário “podcastístico” com histórias autênticas.

7 – CONCLUSÕES

A consolidação do espaço dedicado ao futebol e à discussão sobre a exclusão social no ciberespaço é respaldada por extensas pesquisas em fontes acadêmicas, complementadas por uma pesquisa criteriosa e específica na internet.

O formato de podcast emerge como uma ferramenta de comunicação em constante expansão no país, proporcionando não apenas um canal de divulgação, mas também a promoção do protagonismo do convidado e a facilitação de uma interação dinâmica entre o torcedor e o apresentador. Este produto pode ser veiculado em diversas plataformas de mídias sociais e streaming, fomentando práticas de relacionamento com variados públicos. Essas práticas são fundamentadas nos princípios da Comunicação⁷, justificadas por conhecimentos específicos da área e consideram aspectos éticos, socioeconômicos e culturais.

O projeto “Na kombi com o Torcedor” através do podcast ele preenche o espaço vazio midiático relacionado ao futebol e gera uma inclusão social no espaço cibernético através das histórias autênticas relacionadas ao futebol que serão contadas pelos convidados(as). Através de uma análise de conteúdo foi possível compreender a linguagem, dinâmica e formato estabelecidos em produtos de podcast ou talk show já entregues com outras vertentes.

Durante a estruturação deste projeto, o material acadêmico se apresentou escasso, para contribuir a internet se tornou uma via para pesquisas aprofundadas, seletivas e específicas. Tendo curto prazo para entrega e receita financeira baixa, se tornou inviável atingir todos os pilares que formam os objetivos dessa entrega, inviabilizando um leque mais amplo de possíveis convidados e trazendo uma estética visual mais simplória.

Ao projetar o contínuo desenvolvimento deste produto para além dos limites da universidade, almeja-se conquistar todos os pilares que fundamentam a criação desse podcast, uma realização que não pôde ser completamente alcançada apenas no primeiro episódio. Olhando para o futuro, o grande objetivo

⁷ Parte do conteúdo retirado da ementa do Curso de Comunicação Organizacional da Universidade de Brasília.

do programa é continuar a produção de episódios com diferentes convidados, abrangendo todos os gêneros, idades e perspectivas. Este passo representa não apenas uma expansão na diversidade de vozes, mas também a continuidade do compromisso em explorar e preservar narrativas valiosas que poderiam, de outra forma, ser esquecidas.

8 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDER EGG, E. **Introducion a las técnicas de investigación social para trabajadores sociales**. 7 ed. Buenos Aires: Editora Humanitas, 1978.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. 225p.

BRITTOS, V. **A televisão no Brasil, hoje: a multiplicidade da oferta**. Portal Metodista de Periódicos Científicos e Acadêmicos, São Paulo, n. 31, p. 9-34, 1999.

CALDAS, W. **O Pontapé Inicial**. São Paulo: IBRASA, 1990.

CASTNEWS. **Qual é a duração ideal de um podcast em 2023?** Castnews, 2023. Disponível em: <[Qual a duração ideal de podcast em 2023? - CASTNEWS](#)>. Acesso em: 25/09/23

FARIA JR, A.G. **Futebol, questões de gênero e co-educação: algumas considerações didáticas sob enfoque multicultural**. Revista de Campo, São Paulo, v. 2, n. 12, p. 17-39, dez. 1995.

FNDE. **Manual para produção de podcast**. FNDE, 2020. Disponível em: <[manual_producao_podcasts_2020.pdf \(fnde.gov.br\)](#)>. Acesso em 20/09/2023

FRANZINI, F. **Futebol é “coisa para macho?” Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 25, n. 50, jul. 2005.

KITZINGER, J. **Grupos focais com usuários e prestadores de cuidados de saúde**. In: POPE, C.; MAYS, N. (Org.). Pesquisa Qualitativa em Cuidados de Saúde. 2. ed. Londres: BMJ Books, 2000.

LÉVY, P. **A revolução contemporânea em matéria de comunicação**. Tradução: Juremir Machado da Silva. Revista FAMECOS, 1998. Disponível em: <[\(PDF\) A revolução contemporânea em matéria de comunicação \(researchgate.net\)](#)>. Acesso em: 10/09/2023.

LIMA, C. **Inclusão: uma utopia do possível**. Revista Nova Escola, nº. 123, p.14-7, 2014.

ORTRIWANO, G. **Os (des) caminhos do radiojornalismo**. Tese de Doutorado. São Paulo: ECA-USP, 1990.

PIERANTI, O. **Políticas públicas para radiodifusão e imprensa**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

REZENDE, D. **Podcast. Reinvenção da comunicação sonora**. 1 Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Tecnologias da Informação e Comunicação. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007.

TILIA, C. **5 tendências para o podcast no Brasil, segundo o Spotify**. Forbes, 2023. Disponível em: <[Podcasts: as 5 tendências mais recentes no Brasil - Forbes](#)>. Acesso em: 26/09/23

UNESCO. **Podcast: o rádio reinventado**. CORREIO da UNESCO: muitas vozes, um mundo. e-ISSN 2179-8818, 2020-1. Disponível em: <unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000372610_por>. Acesso em 13/09/2023.

ZAPATA, C.; SANT'ANA, R. C. **EXCLUSÃO DIGITAL**: Discurso e poder sobre a tecnologia da informação. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

9 – Apêndices

9.1 Lista de perguntas para convidado

Perguntas enviadas para Jorge Luiz:

- 1 – Como foram seus primeiros contatos com o futebol?
- 2 – Você lembra quando ingressou no esporte como atleta?
- 3 – O que te marcou quando você jogava?
- 4 – Seu pai jogou no Fluminense durante uma época com muitos preconceitos. Ele te contava sobre o que vivenciou nos bastidores?
- 5 – Quando você acha que o futebol começou a ser valorizado no país?
- 6 – Quando os primeiros jogadores passaram a ganhar salários altos no Brasil?
- 7 – Na sua época, as pessoas não queriam sair da cidade em que moravam para ir para os times grandes? O que ocasionavam essas escolhas?
- 8 – Você acredita já ter existido alguém mais habilidoso que o Pelé que não tenha ido aos holofotes?
- 9 – Qual maior diferença você percebe do futebol da década de 60/ 70 para o futebol da atualidade?
- 10 – Você acredita que o seu time o Botafogo ainda pode ser campeão brasileiro?
- 11 – O que você acha da seleção brasileira atualmente?

9.2 Respostas recebidas

1 – Atrás da minha casa tinha um campo de futebol onde o Operário – PR jogava, e menino na minha época sempre estava jogando bola no campo ou nadando no rio. Então o futebol era muito presente na região onde eu nasci. Eu também ganhei minha primeira chuteira com 7 anos, jogava desde pequeno.

2 – Eu lembro, comecei menino. Como eu sempre estava jogando bola com os amigos, você sempre queria ser melhor para estar jogando com eles, para estar no time. Eu ingressei nas categorias de base do Operário – RS com 11/ 12 anos

e com 16 anos eu já jogava com os mais velhos. Claro que sempre joguei futebol por amor e para fazer parte do meu ciclo de amigos.

3 – Eu lembro de um treinado que eu tive chamado Rueda. Ele chegava e falava assim, de cara, olha, eu quero o goleiro que nem cola tudo. Pegou o colo, eu quero a defesa, igual tesoura de alfaiate batendo na cintura para cima. O meio de campo, que nem panificadora do lar, entregando o quente, é o meio esquerda, os ponteiros, né? Igual 15 para as 3, aberto a meia esquerda igual rabo de égua para lá e para cá. E o centroavante que nem Deus em tudo

4 – Não, ele nunca falou nada de futebol comigo. Inclusive nunca foi em um jogo meu ou me elogiou. Ele tinha uma mágoa muito grande do futebol. Na época em que ele jogou no Fluminense a família dele e ele tiveram que fugir da cidade por conta de um confronto que tiveram com uma família carioca muito perigosa. Então minha família desceu fugida para o sul do país e meu pai nunca mais falou sobre futebol.

5 – O futebol no país começou a ser valorizado depois que o Brasil foi campeão da Copa, principalmente depois da de 70. Até então o início mesmo foi com Pelé na Copa de 58, onde tinha Pelé, Garrincha... só que a virada de chave mesmo foi em 70.

6 – O primeiro jogador a ganhar um salário alto, também foi o primeiro a exigir. Antigamente os times eram comandados por bicheiro, Emil Pinheiro, Castor de Andrade, então o Botafogo pagou o salário exigido por ele. Os jogadores já tinham começado a sair para fora então os bicheiros para segurar alguns atletas começaram a pagar valores mais altos. Na época era muito dinheiro que ele recebeu para ir pro Botafogo.

7 – Na minha época o futebol não era valorizado igual atualmente, então os times grandes como Cruzeiro, Atlético, Grêmio... vinham buscar atletas e não íamos. Normalmente eles não levavam os mais habilidosos, eles levavam os jogadores de famílias mais desfavorecidas financeiramente. Menino não queria sair da barra do pai e a carreira de jogador era muito curta, pagando pouco. Então preferíamos ir para os estudos, se formar, tanto é que vieram várias vezes me buscar e eu não fui. O próprio Cruzeiro e Atlético – MG vinham todo mês tentar me levar na época em que morei em Araguari – MG.

8 – Há não! O Pelé ele era muito habilidoso. A explosão muscular, mudança de direção nos dribles, ele é um caso diferenciado demais dos outros jogadores da época. Não é que nem hoje em dia que os jogadores dão um tapa na frente e sai correndo em linha reta, ele conseguia fazer isso mudando de direção.

9 – Antigamente os jogadores não matavam a bola igual hoje em dia. Se você matasse a bola o zagueiro chegava por trás te batendo acima da cintura, e ninguém era bobo. Hoje em dia não, eles matam a bola, giram e olham para frente, na minha época esse espaço não existia, você dominava a bola já tirando para o lado contrário do zagueiro.

10 – Acredito que sim, lógico que se o Palmeiras perder para o Fortaleza é uma tragédia, só que é possível acontecer. E se isso acontecer o Botafogo vem forte para ganhar do Santo e depois disso já era, não perde mais.

11 – Seleção brasileira hoje é de ladinho, só toque de lado. Os treinadores brasileiros não são verticais. Os jogadores também, tem que ser só jogadores que atuam na europa, lá o futebol é mais rápido e o nível físico também. Não é igual aqui no Brasil, tanto é que os melhores saem do Brasil para lá.

9.3 Roteiro episódio piloto

A: Fala torcedor, fala torcedora! Hoje pro nosso primeiro episódio temos a honra de ter o convidado Jorge Luiz, que aos 72 anos, torcedor do Botafogo, já foi jogador de futebol, filho de jogador de futebol e hoje a gente vai ter uma conversa bacana para entender como é que era o futebol antigamente. Qual a diferença que ele vê do futebol da década de 60, 70, pro futebol de hoje em dia.

J: Boa tarde torcedores e torcedoras do Brasil.

A: Jorge, pra começar, eu queria entender como é que foi seu primeiro contato com o futebol. É como que você se apaixonou por esse esporte.

J: Antigamente você escutava o esporte através de rádio de pilha, né? E mais importante é que eu morava atrás de um campo de futebol que era o campo do operário, então a gente ficava é o dia inteiro jogando bola depois da aula, coisa de menino, né? Brigando, fazendo tudo que tem nessa área.

A: Então se não estivesse brigando, estava jogando futebol. Se não estivesse jogando futebol, estava brigando.

J: Nadando no Rio.

A: Nadando no Rio. E seu pai foi jogador de futebol, né? Ele jogou pelo Fluminense, você tava me falando ali nos bastidores. É, ele te influenciou em alguma coisa? Ele te incentivou, te acompanhava, ele te falou como é que era nos vestiários na época dele?

J: Não, ele nunca me falou porque ele nunca tocou em futebol comigo. E ele deve ter tido uma mágoa muito grande e quando ele tem uma mágoa, ele se isola e nunca falou, só soube que ele foi jogador do Fluminense na era.

A: Você sabe por que que ele parou de jogar bola?

J: Sim, é. Teve um problema de família e problema de família pesada, pesada. E eles foram obrigados a fugir, porque que matar a família do meu pai, então ele ficou fugindo do Rio Grande do Sul e nunca mais jogou a bola.

A: Você acha que isso pode ter causado esse amarguramento dele com o esporte?

J: Não é só com esporte, é tudo o que ele faz que tem um problema sério, ele nunca mais toca nesse assunto.

A: E ele nunca chegou a tocar num assunto dos vestiários com você, falar sobre aquelas, aquelas crises que aconteciam, né? Do preconceito que tinha nos bastidores do Fluminense.

J: Não, não, ele nunca me falou sobre bastidores, mas também ele nunca foi ver um jogo meu, nunca me elogiou. Para não dizer nunca, uma vez, única vez que ele me elogiou, falou que amigos deles falaram para ele que eu tinha acabado com o jogo.

A: Você lembra desse jogo? Qual foi?

J: A, foi um jogo lá, entre Piri e Operário, 2 times daqui é do Paraná, né? E, um disputava por Rio Negro e o outro por Mafra. Então, era do time do Rio Negro.

A: E quando você começou a jogar bola?

J: Aos 7 anos, né? Minha primeira chuteira, que eu ganhei 7 anos?

A: E? Essa chuteira, você lembra dela? É, foi um momento importante para você?

J: Eu nunca joguei, né?

A: Por quê?

J: É, estava chovendo, ela molhou, eu peguei ela e coloquei dentro do forno para secar. Ela queimou.

A: Eu acho que foi por isso que seu pai nunca te acompanhou em jogo, você tentou botar fogo na casa, uai.

J: Ata

A: Você tentou botar fogo na casa.

J: Não, não. Ela simplesmente queimou. Nunca mais joguei bola.

A: É, me conta um pouco qual é a maior diferença que você vê do futebol de hoje em dia, pro da sua época e pra época do seu pai.

J: É a do meu pai, na época do meu pai era aquele sistema 4-2-4, então tinha os zagueiros, né? Tinha o goleiro, zagueiros, tinha os 2 cara um do lado do outro no meio de campo, que eles consideravam como se fosse volante, e outro meia armador, mas na realidade eram meio armadura, um pela direita, o outro pela esquerda e à frente tinha 2 pontas e um centroavante e 1/6 atacante. Época do meu pai. Na minha época já começou a aparecer o sistema 4-3-3 é 4-3-4.

A: 4-3-3.

J: 4-3-3, perdão. Por quê? Porque o ponta recuava, tanto é que a partir de 58 na seleção brasileira mesmo, tinha um ponta esquerdo do Santos que chamava Pepe, que era um atacante muito bom e no Botafogo tinha um que recuava que era o Zagallo. Nessa época então ele fazia o 4-3-3. E com o Pepe 4-2-4.

A: E aí os pontas voltavam para marcar até

J: Não os pontas, os pontas não voltavam. Só quem voltava era o lado esquerdo ou, digamos, o que fazia o terceiro homem do meio de campo.

A: Há sim, o volante.

J: Volante. Então é isso que acontecia na minha época.

A: É e também falava bastante antigamente, né? Que o Brasil era um país recheado de jogadores, só que os jogadores não queriam essa profissão antigamente, porque era uma profissão que sofria muito preconceito na época, né?

J: Sim, essa profissão de jogador de futebol era antigamente, era, ou era malandro, ou jogar o jogador de sinuca. Então ele não era conceituado e não é que nem hoje, hoje é um absurdo, mas isso aí foi uma época que passou e você era discriminado quando você chegava em algum lugar. A é jogador de futebol não vai ficar com a minha filha, não.

A: Por que você acha que o investimento do futebol não era tão grande na época?

J: Não é tão grande, porque eles começaram a sair do país. Entrar dinheiro é a partir da copa de 62, 58, 62.

A: Foi aí que você viu uma virada?

J: Aí nessa época aí que teve a virada, a virada, sim. Fizeram exportações, ganharam mais, mas muita gente ficou. Tem jogador que ficou num clube o resto da vida.

A: Na sua época, você preferia jogar no onde você morava mesmo? Era como que você viu o futebol quando você jogava?

J: Quando eu jogava, a família, que tinha uma classe média assim, ela não, nós não queríamos sair de perto da barra do pai, então quando é eu jogava, estava em Araguari, veio o Cruzeiro veio Atlético, me buscar. Eu não fui. Nem eu, nem mais uns 2, 3 ali que era top de linha, e aí eles levaram aquele zagueiro que não tinham habilidade. Não tinha uma condição financeira boa, que nem levaram o Osíres para o Cruzeiro, levaram o Marrom, que é o Márcio para o Santos pro Atlético, mas os craques não saiam dali.

A: E você não quis seguir como jogador de futebol?

J: É, eu gostava do futebol por amor, não por ser jogador. Já fui convidado para time grande, eu não fui. E que nem que nem tinha os 3 lá em Araguari que julgava muito, que era o Emilson o Sérgio Grilo, eu eles buscavam toda hora. Só que os cara não tinham uma posição, então eles, único que quis sair um pouquinho, porque ele foi fazer faculdade em Goiânia, o Sérgio grilo, volante. Ele chegou no Vila Nova, mas não quis jogar, só formou e acabou. Então o tempo passa. E depois de como começaram sair do Brasil, né? Para fora se ver geralmente a seleção 58, 62, 70 maioria, Santos e Botafogo. Então, os times do Botafogo em em 62 saiu é Didi, saiu Amarildo tudo pra Espanha, aí que começou aquele intercâmbio.

A: Sim, você acha que esse intercâmbio de jogador para o Brasil, do Brasil, pra Europa ele levou, elevou o nível de futebol no Brasil, fazendo que os clubes pagassem mais pros jogadores ou você acha que essa pressão vinda da Europa de levar os bons jogadores para lá, foi só mais um episódio que aconteceu naturalmente. Não interferiu muito na profissão, na carreira de jogador no país?

J: Interferiu sim. Eles levaram para lá e depois o pessoal, devido os salários altos, queriam ir jogar fora. E na realidade é só levam os melhores eles não levar os piores, então, geralmente quando depois foi reformado seleção depois de 70, né? Que ainda os jogadores estavam aqui, 68, 70 estavam aqui. Eles só levavam os melhores, só os estrangeiros. Tanto é que até na época de 70 ser tricampeão o time que mais do jogador para a seleção brasileira foi o Botafogo.

A: Tem uma honra de falar isso?

J: Tenho!

A: Botafoguense nato.

J: Justamente por eu ver

A: Por que você acha que o jogador, como Pelé ficou bastante tempo no Brasil, sendo que ele era considerado o melhor jogador do mundo?

J: Guarrincha também ficou.

A: Por que você acha que eles ficaram?

J: Porque jogador clubista, ele não abandona o clube. O Garrincha abandonou o Botafogo depois de tantos anos. Depois que já estava, não estava jogando mais nada. Aí foi criado dentro. Tem temos exemplos recentes, por exemplo, o Rogério Ceni também. Não saiu do São Paulo.

A: E ganhou muita coisa pelo São Paulo.

J: Ganhou, mas já era. O salário era diferente. Mas tem jogador que não, não tem essa. Como se fala essa visão de ficar junto com os amigos? Você faz uma amizade, não adianta. É se tornam irmãos. É que nem você, quando entra para o exército e fica um ano lá. Todos os saudação, irmão seus, são criados juntos todo dia você está ali.

A: Vocês convivem todo dia, joga junto, vive junto, almoça, lancha, todo mundo.

J: Sai para passear junto.

A: Passeia junto como se fosse uma família.

J: É a segunda casa. E a casa que você mais dá risada, né? Porque é só piada.

A: É só piada. Trazendo de novo essa questão de preconceito do jogador, é financeiro quando que o jogador no Brasil, sem ir pra Europa o jogador no Brasil. Quando que você viu que o jogador realmente começou a ganhar dinheiro? Qual foi o primeiro? Assim que você falou, esse jogador está ganhando muito dinheiro aqui no Brasil. Causa uma inflação no mercado brasileiro que os jogadores começam a ganhar mais.

J: Sim. É exatamente essa época, época de 70, ali ó, 68, 70. Tinha um jogador que era muito craque, muito craque. É Paulo César Caju, do Botafogo. E então ele foi titular da seleção de 70, foi reserva da seleção de 70 horas, hora jogava Rvelino horas, jogava Paulo Sérgio, mas o Paulo César caju. Ele foi um dos primeiros, exigia um salário absurdo e eles pagaram. Pagaram pra ele um salário absurdo.

A: Lembro quanto era o salário?

J: Não porque o dinheiro desvalorizou, né? Muda teve muita mudança no Brasil? Cruzeiro, Real, então você não tem noção. Mas pra época era um absurdo. E

era, time dos bicheiros, né? Nessa época aí os bicheiros é Castor de Andrade, no Bangu, Emil Pinheiro, no Botafogo. Os caras muito poderosos deles pagarem compraram quem que compravam, quem eles queriam.

A: Você acha que nessa época o futebol era manipulado?

J: O futebol sempre foi manipulado. É muito fácil comprar as pessoas. As pessoas têm preço. É um exemplo para você. Teve um campeonato aí é Paulista, entre Corinthians e Ponte Preta, parece que a Ponte Preta não sei que ano foi 77, 85 por aí. Comprar o centroavante do da Ponte Preta, Corinthians comprou aí você entra, foi lá primeira, primeiro no segundo jogo, primeira bola foi expulso. E causou a expulsão dele. Então, como tem hoje, que nem hoje, por exemplo, hoje vai ser fundamental hoje, né, nessa época, vai ser fundamental Palmeiras e Fortaleza. A Leila já comprou Caiu Alexandre.

A: Do Fortaleza.

J: O que que vai acontecer? Não sei, mas ela já comprou e o cara não vai ser titular lá. Eu e o Alexandre foi um bom jogador, um como se fala jóia do Botafogo, mas ele não vai ser titular lá.

A: Ele não é, ele não é aquela Brastemp.

J: Não, não é a Brastemp.

A: Ele é bom.

J: Mas é bom, é ele é bom,

A: Ele vai jogar ali no meio de campo do Palmeiras, você tem ali. Raphael Veiga, Gabriel Menino, você tem Richard Ríos. Há você tem o Zé Rafael.

J: John John.

A: E não é sim, tá, a gente já vai entrar nesse assunto de Brasileirão atualmente, tá? Pode ficar tranquilo, você que está doido para falar do Botafogo!

J: Não, não estou doido. (Jorge Ri)

A: Depois quem está entregando o título.

J: É entregou de graça.

A: Uma coisa que eu acho que eu. Acho que o torcedor que vai estar ouvindo a gente gostaria de saber. O que te marcou quando você jogava futebol? O que que você não esquece? Como jogador, você fala, eu lembro disso.

J: Não, a maior preocupação do jogador antigamente é o pessoal fala assim ao cara, matou a bola, não, cara matou a bola, perdeu. Perdeu a bola. O cara

antigamente já olhava para os lados para ver onde é que tava os marcadores. Então você dominava a bola pro lado contrário do defensor, senão você ia levar uma paulada. Ela batia, não é bater na perna, bati a da cintura para cima. Que nem o técnico Rueda lá, né!

A: Já teve um técnico chamado Rueda?

J: É o Rueda. Por exemplo. Ele chegava e falava assim, de cara, olha, eu quero o goleiro que nem cola tudo. Pegou o colo, eu quero a defesa, igual tesoura de alfaiate batendo na cintura para cima. O meio de campo, que nem panificadora do lar, entregando o quente, é o meio esquerda, os ponteiros, né? Igual 15 para as 3, aberto a meia esquerda igual rabo de égua para lá e para cá. E o centroavante que nem Deus em tudo, em todas, é isso que ele queria. E ele era po muito forte pro cara tentar discutir com ele alguma coisa, não tinha argumento. Então isso era teoria, mas na realidade era isso que acontecia antigamente. Os caras já davam um carrinho acima da cintura. Vai, cartão vermelho não tinha amarelo, então você vai é pegar e matar a bola e levar um carrinho na cintura.

J: Matar a bola e ficar perto é esperar, esperar o cara chegar, nunca. Não existe isso, hoje não. Os caras dominam, olha, levanta a cabeça, toca. Antigamente você olhava, tinha o tinha espaço entre os coisas você partia para cima. É hoje a marcar não.

A: Hoje em dia é uma coisa que eu percebo muito é que você não vê mais aqueles lances de impacto que acontecia antigamente do jogador e driblar 1,2, 3 ir pra cima e pra e pra dentro da área, não hoje em dia você vê que o futebol mais tático, o ponta esquerdo, ponta direita ele recebe a bola livre na ponta, no um x um, e são poucos jogadores que partem para cima. São poucos jogadores que tentam uma jogada individual pra ir pra cima de 1, 2, 3 e recentemente, você vê poucos jogadores fazendo isso. Você viu o Vinícius Júnior no Real Madrid, você viu o Neymar no Barcelona, já no PSG, nem tanto, porque ele já saiu um pouco mais daquela ponta esquerda. Foi pro meio, né? É, é Neymar é um driblador, excelente, mas você não vê igual antigamente que você via Ronaldinho, Ronaldo.

J: Joãozinho, do Cruzeiro.

A: É, esses jogadores partiam para cima. Eu lembro até hoje de um gol que o Luís Fabiano fez na Copa do Mundo contra a Costa do Marfim que ele saiu, chapelando, dominou no braço. O juiz viu que ele dominou no braço, só que não tinha var, graças a Deus que se não ia anular o gol não é um dos gol mais lindo que eu já vi. Chapelou 1, 2, dominou ali no peito, no terceiro e pau, paulada ali no fundo da rede. Só que hoje em dia você não vê mais isso. Você vê um jogo muito tático, muito forte, uma transição rápida. Só que às vezes, o cara, em vez de ir para cima, ele para, espera o time chegar, segura a bola, volta o jogo. Não tem mais aquela ousadia do futebol.

J: Antigamente o jogador era observado nas atitudes. Por exemplo, se era dente de leite que você estava aí, você sabia se o jogador ia ser jogador de futebol.

A: Dente de leite, era jogador que tinha acabado de chegar?

J: É 10 anos, né? 10 anos depois vem o juvenil 14, 15, 16 e assim vai as categorias. Então, quando o jogador recebe a bola, se ele baixar a cabeça, não vai ser nada. Não vai enxergar nada uai! Não adianta e vai baixar a cabeça pro resto da vida. Então, o jogador dominou a bola, ergueu a cabeça, ele vai, porque ele tem que erguer a cabeça para ver se tem espaço para ele sair para cima. Por isso que é bom jogar de centroavante. Olha, não tem ninguém para você dar passe, pegar a bola e vai embora. É a maneira mais correta, né? E hoje não é aquele treinamento. Bate de chapa da bola o dia inteiro batendo aqui, ó, é que nem especialista. Você faz 10000 vezes, você vai, não vai errar uma.

A: É, eu acho que então Cruzeiro, tô precisando treinar finalização no jogo contra o Vasco, cara, debaixo da trave, ali o goleiro lá na outra trave se não me engano, foi o japa. O Cruzeiro cobrou escanteio, o meio campista do Cruzeiro já pegou, a bola, correu até o fundo, conseguiu dar o passo perfeito, passou do do de 3 jogadores do Vasco com o goleiro ali contando com o goleiro e o que ele, Wesley, nossa senhora, que vai ser aquele jogador, se ele é jogador, eu sou astronauta, desculpa falar, viu, gente? Mas é isso, é isso. E o cara perdeu o gol.

J: Sim, mas aquele lance ali, ó. A bola veio pela direita.

A: Sim.

J: E ele tentou dominar com o pé direito. A bola vai pegar aqui vai sair. Ele quer ali é pé esquerdo na bola, é só você dar um tempo, hora que você dá um tempo, você troca de pé, você tem a bola, vem da direita, você tem que pegar com a perna esquerda, voltar para cá. A se eu tivesse pra lá se batia, mas o gol tá aqui, né? Então, foi o que aconteceu.

A: É que ele é ruim mesmo, tá bom, 16.000.000 no lixo é isso aí.

J: Não.

A: Vamos próximo assunto que se não vou começar a chorar aqui. Ser cruzeirense está difícil ultimamente desde 2019. Engraçado, né? Vamos agora que a gente entendeu. O preconceito que tinha um jogador na época, né, que os jogadores não recebiam bem, que jogar futebol era mais um hobby e os sonhos sei lá. Qual que era o sonho das pessoas antigamente que jogavam futebol por amor.

J: Jogavam por amor, mas eles iam para sinuca e boate.

A: Não, mas as pessoas.

J: As pessoas viam eles como pessoas nefastas.

A: Que isso uai!

J: Tô falando sério!

A: Hoje em dia todo mundo quer ser mulher de jogador. Brincadeira, cortem isso, viu gente?

J: Mas é desse jeito, viu? É como se fala assim, nefasto o que eu digo assim, o cara não presta, você vai querer que a tua filha vai namorar com ele.

A: Entendi, mas e aí esse pessoal que jogava bem bola, mas não seguia a carreira, eles queriam fazer o que da vida?

J: É porque a carreira de futebol antigamente ela era muito curta, é 10 anos, é dos 18 aos 30. Acabou aquilo ali. O que que você vai fazer? Nada, então, é que nem eu.

A: E o salário não era alto.

J: O salário não era alto, que nem minha mãe dizia, olha, você é malandro. Eu não vou te deixar nada, eu vou te dar estudo. Essa é a teoria, e graças a Deus, deram um estudo. A pessoa estudava.

A: Você chegou a se forma?

J: Formei sim, formei! Várias coisas, né?

A: É? Faculdade?

J: Faculdade, eu comecei no Banco do Brasil, né. Que eu fiz um concurso e fazia engenharia elétrica na UFU. E aí eu larguei a elétrica e fiz administração e contabilidade dentro do Banco do Brasil.

A: Rapaz, tem mais faculdade com muita gente aí no país

J: Aí eu fiz contabilidade, pós em contabilidade avançada, porque o Banco do Brasil, antigamente.

A: Isso há anos atrás, né?

J: Anos atrás ele tinha nível P, nível M e nível S. Nível B você mudava de letra de 3 em 3 anos o nível M também, nível S também. Mas quando você ia para a direção geral, era de 2 em 2 anos, então o que servia para o Banco do Brasil na época? Administração, era contabilidade. Aí depois que eu vim para cá eu comecei em Brasília, eu voltei pra cá, eu prestei vestibular novamente em engenharia civil e formei em civil. E é engenharia civil.

A: Uai!

A: Uma coisa que sempre chamou muita atenção no futebol de antigamente. Era o time do Fluminense. Tem até história, o seu pai joga lá, né?

J: Uhum!

A: Seu pai jogou na época do pó de arroz, 10 anos depois, de 10 anos.

J: É não, 20 anos depois, né, que a época do pó de arroz foi perto. 14, né? E meu pai nasceu em 13. Fluminense era um aristocrata, né? Então ele passava pó de arroz para não ser discriminado para aparecer branco.

A: É, tinha aquela assim que eu estudei, tinha a questão do uniforme do Fluminense ser branco. E eles não queriam que os negros se destacasse no uniforme, tanto é que depois você pode me confirmar, o Fluminense não aceitava jogadores negros no time, né?

J: Não. Na época, pelo menos o que eu sentia na época, que eram discriminados, mas depois que o Pelé e aquela época, depois de

A: Da copa.

J: Da copa 58, que é, é que acabou. Leonidas da Silva do São Paulo, que jogou também né, era negro né? Então aí acabou.

A: Eles perceberam a palhaçada, os talentos que eles estavam perdendo ali, né?

J: Exatamente

A: E acabou com essa palhaçada. Então vamos dar um giro, vamos, vamos para o futebol atual, vamos falar do Botafogo, vamos falar do Brasileirão. Eu sei que você tá assim. Botafogo não jogava bem há muito tempo. É, chegou a descer para a segunda divisão 2 vezes, né? Se eu não me engano.

J: 2, 3 vezes,

A: É, e aí agora chegou o Textor, comprou o time quando subiu para a primeira divisão. O time briga por título, chegou está na liderança por mais de 11 pontos de diferença e agora vê o Palmeiras assumir faltando 4 rodadas por um ponto.

J: É, mas o que que aconteceu? Botafogo atual, penso eu, na minha opinião, foi troca de técnicos. Podiam ter deixado aquele.

A: É isso claramente.

J: Claramente aquele Caçapa, mas o Botafogo é um time

A: Caçapa um interino, você fala?

J: É interino, o que que o Botafogo é o atualmente? O Botafogo não sofria gol, por que que não sofria gol? Porque ele tem 2 pontas muito velozes.

A: Junior Santos.

J: Junior Santos e o Luiz Henrique na esquerda, ela é mais veloz que houve.

A: Luiz Henrique é reserva, né?

J: É, um joga meio tempo, outro joga meio.

A: O Victor Sá e o Luiz Henrique ficam revezando ali, revezando na esquerda.

J: Então eles são muito velozes. O que que acontece? Lateral dos outros times? Não desciam, né? Descer, né? Levava nas costas. E os caras chegavam na cara do gol facinho e são muito habilidosos. E tem os caras lá no meio também que são. Então o Botafogo não perdia, aí começaram a inventar. É inventar que eu digo trocar o técnico, o cara queria colocar o Tchê Tchê de lateral.

A: É o, qual o nome dele, o Paulo Lages. Você sabia que o Paulo Lages, antes de ir pro Botafogo, lá na Premier League, os torcedores faziam uma votação. Ele foi eleito 2 vezes consecutivas, o segundo pior técnico da liga. E já tinha uma especulação da vinda dele para o Brasil. É há um tempo atrás, né? Acho que foi o Flamengo que queria contratar ele ou o Corinthians, um dos 2 grandes é um engano. E aí o Botafogo traz ele, o time começa a desandar. E agora recentemente teve o Lúcio Flávio.

J: Não tem pulso!

A: Lúcio Flávio, ele é atacante.

J: Meio de campo, meio de campo.

A: Ele foi meio de campo. Você vê que o time do Botafogo era muito massivo no ataque. Pressão o tempo todo, só que na zaga, se atrapalhava, o jogo contra o Grêmio acho que foi o jogo mais, o jogo mais ridículo que ouvi da defesa do Botafogo na temporada, aquele DiPlácido lateral lá, com medo de marcar o Ferreirinho, e o Ferreirinha para que a bola quica, a bola já era do DiPlácido. Ele não entra firme e o Ferreirinha pega e dá o passe pro Luís Suárez, aquele passe corta defesa e não foi um bom passe, não foi um passe preciso, foi. Foi um passe mascado. A bola não vai rápido, a bola vai lenta.

J: Ó contra o Palmeiras ele meteu 3 a zero.

A: É só que aquele jogo do Palmeiras assim se

J: Meteram a mão, tudo bem, mas não tem nada a ver. O Tiquinho Soares é aos 80 minutos, teve pênalti pro Botafogo, ia ser 4 a 1. Se ele converte aquilo lá, acabou o Palmeiras, mas o cara errou, o goleiro pegou, time do Palmeiras foi para cima. Juiz viu isso deu mais 10 minutos. Expulso, o Adriele. Então nem Adryelson, que nem tocou no cara, tocou só na bola.

A: Gente, vamos dar ajeitado no microfone dele que ele está ficando muito fora do microfone. Vocês não acham não? Oi? De boa!

A: Tá claro o som?

A: É, mas tenta falar mais, tipo aqui nessa região do microfone. É? A tá? Tá, não é beleza, então.

A: É, mas vamos botar na mesa. Ali era um jogo de 6 pontos.

J: Sim, mas 80 minutos para as 4 a um.

A: A expulsão e você é botafoguense. Eu sou cruzeirense, olha isso. A expulsão do Adryelson pra mim foi um absurdo.

J: Oi, foi!

A: Primeiro que o cara não estava na direção, estava na lateral.

J: E ele só tocou a bola.

A: Bem, eu acho que foi falta, mas a questão não é essa. A questão é que o até o jogador do Palmeiras ir para dentro da área já ia ter outros jogadores do Botafogo. Ia inclinado, né?

J: É inclinado. O cara vai reto aqui.

A: Ele ia chegar. Então o critério que arbitragem o var chamou é, você pode dizer que foi um critério assim, duvidoso. Em seguida, o pênalti no tiquinho Soares foi o Rony que fez, eu não me engano.

J: Não foi o goleiro! O último homem. Por que não expulsou?

A: Por que não expulsou se era o último homem?

J: Era o último homem, o aquele Ederson. Ele passou o pênalti, Everton passou pé no Tiquinho Soares era o último. Ele driblou o cara, passou o pé.

A: E o Tiquinho tá jogando muita bola nessa temporada.

J: Agora ele se machucou e voltou de lesão. Tá muito ruim!

A: Pois é, então você vê claramente uma intervenção. É gravíssimo, porque era um jogo de 6 pontos. Hoje o Palmeiras, com 3 pontos a menos e o Botafogo 3 pontos a mais. Não só em questão de pontos, mas a questão de continuação do time. O Botafogo provavelmente não teria tomado essa virada do Grêmio.

J: Não, não perdia para o Grêmio. Não, de jeito nenhum.

A: Então você vê uma intervenção da arbitragem muito forte.

J: E é né!

A: E é, a gente vai entrar nesse assunto porque essa temporada, mesmo com var, tem sido muito polêmica. Aquele jogo estava 3 a 3, é 4 a 4, quer dizer, se eu não me engano. 4 a 4. Ia ser o puro suco do futebol. Aquele pênalti pro Grêmio contra o Corinthians. Cara com o braço aberto aqui.

J: 200 metros do corpo, né?

A: Ia ser o puro suco do futebol, porque? Porque o Renato Gaúcho já falou que quem ia bater o pênalti ia ser o Luan, se o cara erra, a torcida do Corinthians ia a loucura. A torcida do Corinthians ia dar graça a Deus. Se o cara certo, torcida do Corinthians é querer matar o cara também, uai, foram no motel buscar o cara. Pelo amor de Deus.

J: É! Foi muito complicado porque não estava, não estava tendo graça. O campeonato brasileiro, eles já estavam mandando entregar a taça para o Botafogo, então CBF fez isso, var fez isso, então prejudicaram o Botafogo.

A: É uma coisa que, mesmo eu não sendo torcedor do Botafogo, eu acompanho muito futebol, né? É uma coisa que eu tenho percebido, prestado bastante atenção é essa questão. Botafogo, ele vai para as entrevistas, ele reclama da CBF. Marçal foi punido é Victor Cuesta, tentaram punir ele agora que ele tava lá.

J: Estava na torcida, Argentina.

A: É eles. Eles vão punir os jogadores do Botafogo e não só os jogadores. Eles puniram Lúcio Flávio. Né? Na Na quando ele era técnico, eles puniram John Textor, eu acho, foi o maior absurdo. O cara compra o time, compra, compra a estrutura do time. O cara não pode ir no estádio, o cara não pode ir no CT, não pode apresentar um novo treinador, porque ele deu uma entrevista falando que o jogo tinha sido roubado e de fato foi, e de fato foi. Então a CBF hoje, ela tenta controlar uma coisa que ela não pode controlar. Você não pode proibir alguém de ir nas dependências dela. Se você compra hoje, o Ronaldo, CBF vai punir o Ronaldo de ir na toca 3. Ronaldo é dono. O Ronaldo comprou o clube e aí a estrutura do clube foi junto com o clube. Tanto é que ele também assumiu as dívidas do clube.

J: É o que aconteceu no Botafogo. Se bem que o procurador entrou na questão, né? E obrigou, entendeu? Suspendeu, o Textor pôde apresentar.

A: Pôde apresentar o treinador, mas ele ainda não pode ir no estádio,

J: Não pode ainda no estádio.

A: Que é um absurdo! Eu acho essencial. É a CBF perder parte do comando do futebol brasileiro, tanto é que agora está entrando a liga forte, liga libra eu acho que as essas 2 ligas no futuro vão acabar se unindo. É inevitável. Para continuar, é sendo sustentável o futebol aqui no país. Entendeu? Para continuar tendo ligas

igual a série A e série B, só que agora e essa divisão para mim, eles perdem muita força contra a CBF.

J: Sim!

A: Perde muita força, mas é de extrema importância que a CBF perca esse domínio. Por que quando o Abel Ferreira vai no microfone e falar mal da arbitragem.

J: Não acontece nada!

A: Não tá acontecendo nada. Quando o Gabigol fica falando que a arbitragem é uma vergonha. É jogadores do Flamengo, falam que a arbitragem foi mal, já aconteceu de jogadores do Grêmio todo o time fala mal da arbitragem, por que que o Botafogo tá se sobressaindo em punições com a CBF. Eu estava vendo o jogo do Botafogo, os caras do Botafogo não fazem falta.

J: Não.

A: Porque eles tocam em um jogador do time, eles recebem amarelo. Outro time com 20 e tantas faltas, não tem amarelo.

J: É que nem por exemplo, o time do Grêmio tinha 23, falta. O Botafogo tinha, acho que 8 ou 1. e 3 do Botafogo com um cartão amarelo, o Grêmio nenhum, aliás, um.

A: E teve aquela entrada forte lá do em cima do Diego Costa, né, cara? Veio pelas costas e nada. Deu um chega pra capar nele, né? Ó, vai aparecer é igual você, falou a tesoura de alfaiate da é da cintura para cima.

J: É desse jeito, é e mas. Mas vamos ver o que que vai acontecer no final. Agora chega de prejudicar a CBF, não tem que interferir e parar com essa palhaçada. E o var tem que ser punido. Errou, tem que ser punido, tira, não volta mais pro futebol, porque os caras fazem maldade.

A: Eu acho que na realidade o Brasil ele tem muitos profissionais para a arbitragem, muito profissional para os jogos. Quando o árbitro erra assim, erros grotescos. Igual aconteceu, né! Acho que a punição devia ser financeira. Por que prejudica o time. Entendeu? Igual no jogo é Corinthians e Grêmio, igual no jogo Palmeiras e Botafogo. Arbitragem, ela devia ser punida financeiramente porque, porque aí sente no bolso.

J: Mas o que que eu falo? O seguinte, a mídia hoje. Ela é muito parcial. Ela é muito parcial, por exemplo, o Rony estava impedido no jogo do Palmeiras e fez um gol de bicicleta, impedido. Aí o cara da mídia falou, não, mas tinha que dar o gol para ele, porque porque o gol foi muito bonito, mas estava impedido.

A: É de lascar, não. Aí realmente a gente vê uns comentaristas vezes falando, muita bosta né?

J: Não realmente, não, os cara tem lógica

A: É gol bonito tá achando que a gente está em qual época, Pelé? Pelé também fez um monte de gol bonito. Aí é só assistir o replay lá, Ronaldinho, Ronaldo.

J: E outra coisa, né? Na época do Pelé. A velocidade do Pelé. Com o domínio da bola, é diferente da velocidade dos outros que eles pegam a bola, toca na frente, e sai reto, em linha reto. Não. Na época do Pelé, o Pelé já saía pra direita, para a esquerda, então ele não ia em linha reta.

A: Tá aí uma coisa que eu queria saber. Você falou que muitos jogadores da sua época não iam para os times grandes porque queriam ficar perto da família porque queriam fazer faculdade, queriam outra profissão.

J: Era curta carreira.

A: Você acha que existiu que você tenha visto jogar o que você saiba? Você acha que existe alguém melhor que Pelé? Que não tenha ido para os grandes times.

J: Não. Não igual Pelé, eu vi muita gente boa, muita gente boa, mas igual o Pelé é. É a diferença do Pelé. Era o equilíbrio em campo. Os caras batiam e ele saía andando. Ele é muito forte, muito rápido e a explosão muscular.

A: Naquela época nem se pensava tanto assim esteticamente falando no futebol e tanto é que na copa de 62 ele saiu. Ele teve estiramento no músculo, né?

J: Mas o cara bateu 10 vezes nele. O Torres de Portugal.

A: Bate com vontade né?

J: É que nem dizia da cintura para cima. Ele bateu no Pelé. Pelé levantou, correu, ele veio e o outro de novo pegou, Pelé saiu de arrasto. Não tinha cartão amarelo naquela época.

A: E quem que entrou no lugar do Pelé naquela época? .

J: Jogador do Botafogo chama Amarildo gastava a bola e ele foi vendido para Europa depois da copa.

A: Boa hein! Por que você vira um torcedor do Botafogo?

J: Ah, você viu Garrincha jogar, é via, escutava o Garrincha jogar e o emblema do Botafogo é muito bonito. Aquela estrela, então você

A: Naquela época você via na televisão o Garrincha?

J: Se via no jornal essas coisas, né? Não tinha televisão na época assim tinha, mas era muito preto e branco. E então, o Garrincha, ele, pô, passa o primeiro, segundo, terceiro, então desequilibrava o jogo. Por exemplo, o os bicheiros, né? Que nem Oo Didi. Em 62, ele foi vendido, né? Didi, folha seca, então ele foi

vendido meio de campo do Botafogo e o Botafogo comprou sabe quem? Gerson? É o canhotinho de ouro. Gerson é jogador do, era jogador do Flamengo. Então, tinha Didi que era titular, o Dida do Flamengo era reserva e tinha um outro craque lá, que era o Gerson. Botafogo o Emil Pinheiro foi lá, comprou o Gerson, já ficou no Botafogo o resto da vida, e depois que estava aposentando que ele foi pro São Paulo. Você vê que os jogadores ficavam muito tempo num clube sim e o Gerson era torcedor do Fluminense. Ele ficou torcedor do Botafogo.

A: Eu fico imaginando, né? Você falou que naquela época, tipo assim, o time jogava junto, andava junto, conviviam juntos, né?

J: Ia pra boate junto.

A: Então realmente era assim, muito dinheiro. Se o cara não ganhasse muito dinheiro no Brasil e recebesse uma proposta muito grande para ir para fora, ele ia, é inevitável. Agora ele sair assim, recebendo um pouco sair do time. Receber só um pouquinho a mais.

J: Não ganhavam tão mal. Também não ganhavam igual hoje. Liberdade financeira.

A: Tem uns cabeça de Bagre no futebol brasileiro na série A, igual Wesley mesmo que ganha é um 100, 200, 300 mil, um cara que não é bom desculpa falar, mas eu sou cruzeirense, eu quero que meu time não caia, só que não dá. Tem jogador, tem jogador no Cruzeiro hoje que não era para estar ali, tem jogador ali que é o Cruzeiro, é um time vitrine. Se o cara sai do Cruzeiro jogando ali, você pega o Wesley. Pô o cara vai para um time de segunda divisão, vai, o cara, sai do Cruzeiro, vai, vai jogar aonde? Porque jogou mal no clube que é vitrine, entendeu? Mas o que e ganhando 100 mil, 200 mil, 300 mil.

J: Eu te digo que antigamente. Você a carreira muito curta, 10 anos, passa rápido que nem NPOR cara, entra como tenente. Lá fica 8 anos depois, tá!

A: Aposentado?

J: Não aposentado nada, desempregado. É diferente.

A: Sem comida na mesa.

J: Sem comida na mesa.

A: Vamos falar de seleção.

J: A seleção realmente é, falar disso.

A: Vamos falar de seleção?

J: Podemos falar, claro! É o que eu acho, a seleção.

A: Atualmente.

J: Então, vamos lá? Atualmente a seleção ela é composta de jogadores que atuam fora do Brasil.

A: Sim!

J: Ela tá errada? Não. Todos os que atuam fora ela tá errada? não. Se eles saíram, eles são os melhores. É que nem concurso público!

A: Ou empresário é muito bom, né?

J: Então é que nem concurso público você tem é tem 100 vagas, 10.000 candidatos, 9900 e levaram o pau. Esses são bons, são bons sim, que saíram. A seleção tem que ser formada.

A: Não, vamos colocar assim. Tem jogadores que saíram. Gabriel Jesus, ele saiu no Palmeiras, o cara fazia gol de fora da área e fazia gol de dentro da área. Ele levou a seleção para um patamar. A seleção não marcava gols. Ele entrou nas eliminatórias e foi artilheiro. Ponto. Hoje, recentemente, ele deu uma entrevista que o forte dele é não é marca gol. Ele ajudou o time de outras maneiras. Hoje, um camisa 9 da seleção é o forte dele tem que ser marcar gol. O forte dele tem que ser marcar gol, então. Não é Gabigol, Gabigol, pra mim é um jogador bom, mas não é um jogador excelente, porque hoje o jogador que joga na Europa, o nível de excelência física, nível de excelência tático é muito maior que no Brasil. O jogador brasileiro, ele é mais completo. Ele sabe atacar, ele sabe marcar, mas jogar o futebol na Europa é muito mais físico, muito mais pegado, com muito mais tático.

J: E mais, eu te falo outra coisa, ainda existe o centroavante que joga de costas para o gol.

A: Faz o pivô.

J: Exatamente isso porque ele está vendo todos os caras que estão vindo e ele tem a opção de sair pela direita, esquerda, então ele tem que ter habilidade não tem que ser cabeção.

A: É só que ainda esse jogo não encaixou na seleção.

J: Não.

A: O jogo que encaixou na seleção é trazendo um pouco para o jogo do Diniz, o jogo que encaixa na seleção atualmente é aquele peso que ele faz para o lado do campo, porque ele, quando ele bota o Martinelli e o Vinícius Júnior no mesmo lado, quando ele bota o Rodrigo, Rafinha e bota outro jogador para o mesmo lado, Gabriel Jesus, ele fica jogando para os lados. Ele fica caindo para os lados para receber.

J: O que eu falo na seleção, a nossa seleção! Treinador nossos eles não são verticais. Não são verticais, futebol é vertical.

A: O que você quer dizer quando?

J: Vertical rumo do gol não para o lado. Então tudo é pro ladinho. Não existe isso é perda de tempo. A bola tem que ser vertical, tem que ter os caras dos grandes lançamentos, tipo Gerson. Tipo ele enfiava na vertical, não tem esse negócio que é enfiar pro lado, então realmente o meio de campo é.

A: Esse negócio de enfiar não tá legal não.

J: Tocar pro lado, né? Ou tocar na vertical.

A: Fazer um lançamento.

J: Fazer um lançamento. Existe hoje um cara muito bom no próprio Botafogo, ele se chama Gabriel Pires. Ele é vertical, o lançamento dele é perfeito. E ele está na reserva.

A: Ele está na reserva. Eu já vi ele jogar. Ele joga bem mesmo.

J: E habilidoso, né?

A: Habilidade! Só que igual você falou. Se você acha que jogador que está aqui no país, tem que ir para fora, para depois é se consolidar numa seleção. É igual, Endrick, Vítor Roque está machucado agora. Eu acho que o Vitor Roque vai ser.

J: É Endrick, do Palmeiras. Ele não vinga.

A: Você acha que ele não vinga?

J: De jeito nenhum, agora o Vitor Roque não, o Vitor Roque vai vingar.

A: Então eu sinto mais confiança no Victor Roque do que no Endrick mesmo Vítor Roque estando machucado, mas eu acho que o Endrick joga muita bola.

J: Joga com aqui quando sair pra fora.

A: Mas aí é o Neymar também jogava muita bola que só que antes do Neymar ser titular. Ele foi lapidado.

J: Foi, mas ele desequilibrava aqui. Se viu os gols que ele fazia aqui, ó. Que fez na Europa, ele não faz mais porque machucou e não tem jeito encheu o pé de pino. Como que você dominou uma bola? Um pé cheio de pino? Você não tem habilidade mais.

A: Você não tem mais mobilidade.

J: É que nem você quando rompe o tendão de Aquiles e o pé fica duro, tenta ter habilidade, tenta, mas não é a mesma coisa. Você não faz o que você queria com a bola.

A: Tá certo! Então você acha que para a seleção, a seleção tem que encontrar opções melhores, que estejam atuando em grande nível lá fora? E o jogador que está no Brasil, que realmente joga a bola, tem que ir para fora.

J: Tem para, é o futebol lá fora ele é mais rápido. Mais rápido, é mais forte.

A: É uma coisa que eu percebi bastante nessa eleição é que às vezes eles têm uma brecha de espaço para tocar rápido a bola e acaba desacelerando o jogo.

J: É medo, medo de errar o passe.

A: Porque, por exemplo, é um espaço muito curto. Só que na Europa você vê isso acontecendo o tempo inteiro e principalmente o time como o master City, que é totalmente encaixado. Manter a posse de bola. Só que o último título fez ganhar. Ele sofreu bastante em campo para ganhar, né? Foi uma coisa que eu até vi. Isso é em entrevista mesmo com o Guardiola falando que o time tinha que aprender a sofrer para ganhar e eles não sofriam. E quando eles sofriam, eles perdiam. É bom, vamos encerrando a nossa conversa aqui, gente, vai fazer um giro pela rodada rápido. É, já aconteceu ontem a surpresa do Bahia e Corinthians. Bahia, 5 a 1, não sei o que aconteceu naquele jogo, mas que sapatada em o cara, me botou o Thaciano de centroavante e lascou o Bahia até dizer chega. Me desculpem, lascou o Corinthians!

J: O Rogério Ceni, não é um mal técnico.

A: Eu sempre achei afobado.

J: Eu acho ele assim. Não tem aquela convivência com os jogadores, ele é muito, não.

A: Quando o Cruzeiro caiu, o vestiário teve muito choque.

J: Tem a presença área, não tem vestiário, não é um técnico ainda com o nome não, mas ele não é um técnico ruim, ele é, ele é inteligente, é bom. E ontem ele mostrou e demonstrou isso.

A: Vamos fazer um giro pela rodada?

J: Vamos.

A: Eu vou falar os jogos que você vai me falar seus palpites. Paranaense vs Vasco:

J: Vai dar Athletico, vai estar completo.

A: Botafogo e Santos:

J: Vai dar Botafogo!

A: Fortaleza e Palmeiras:

J: Fortaleza vai ganhar!

A: Você acha?

J: Acho!

A: Mesmo depois dessa coisa do Caio Alexandre?

J: Mesmo depois dessa compra.

A: Você tem tanta certeza, eu acho que você está esperançoso.

J: Não é uma esperança, não, não. É o Fortaleza, ele não, ele não está seguro ainda. Ele não está seguro, então ele vai jogar lá. A rodada é a decisão. Ele ganhou do Botafogo, aí ele perderia tranquilo, Fortaleza. Se ele tivesse ganho agora, como ele empatou. Um ponto não serve para ele. Ele vai partir para cima.

A: Vamos nessa! Coritiba x Fluminense:

J: O time do Fluminense. É hora que joga bem, hora que joga mal é, mas é, é o de ladinho. O Fluminense chama-se de lado.

A: América e fala, inclusive, a América Mineiro e Flamengo vai ser aqui. No Parque do Sabiá, aqui em Uberlândia.

J: Sim, aqui no parque Sabiá. O Flamengo não vai deixar a torcida, é a torcida flamenguista, não vai ter como se fosse no Independência, não. Se fosse no Independência, eu acho até que o América.

A: O América já não está mais pensando agora, ele já estou pensando na próxima temporada na série b, ano que vem.

J: Tá, já tá emprestando o jogador do Flamengo, pode ter certeza disso.

A: É, já tá vendo! É uns meninos, já tava mandando uns dos jogadores da base, né? Ano que vem a gente descobre. Vamos lá, jogo importante também para a parte de cima, Atlético Mineiro e Grêmio, na arena MRV.

J: Eu acho que vai dar empate aí. Os dois vão morrer abraçados.

A: Será?

J: Certeza!

A: Internacional e Bragantino no Beira-Rio.

J: Vai dar empate.

A: São Paulo vs Cuiabá, no Morumbi,

J: Vai dar empate

A: Goiás e Cruzeiro.

J: Cruzeiro!

A: Você não está falando isso só para me deixar esperançoso?

J: Não, não, não, não é isso. Eu estou, vai dar Cruzeiro, vou explicar.

A: Você falou Cruzeiro os bastidores aqui já saiu comemorando.

J: Não, mas é a questão do Cruzeiro, ele quando joga fora, ele fecha atrás.

A: Ele joga bem.

J: Ele fecha atrás. Vai sair no contra ataque e vai fazer um gol.

A: E o Goiás vai desesperado para sair logo na zona está com 35 tem que ganhar

J: Não, não, não. Ele fecha atrás, o Cruzeiro joga bem até o jogador.

A: Engraçado, o Cruzeiro tem uma defesa muito boa em. É atualmente a segunda defesa menos vazada.

J: Não, eu te falo o Cruzeiro. A defesa do Cruzeiro chega junto e os atacantes na época do Peppa, o atacante vinha mordendo lá de trás até aqui, ó.

A: Mas em compensação, o Cruzeiro tem que fazer é fazer gol.

J: Mais isso aí é questão de. Treino, né? Tática!

A: Mão, mas o time do Cruzeiro, o time para ganhar, tem que fazer gol. O futebol é bola na rede.

J: É bola na rede.

A: Cruzeiro não tá botando a bola na rede? Se o Peppa continuasse, o Cruzeiro estava afundando!

J: Não, mas eu que te falei, vão lá na linha de fundo, cruza para trás, vai na linha de fundo, cruza para trás, não tem o jogo enfiado vertical.

A: E o Cruzeiro, trouxe um treinador, estava na segunda divisão. Na Ásia.

J: Zé Ricardo.

A: Ou! Isso é um absurdo. Economizar dinheiro agora tem a chance de cair, perder muito mais dinheiro. Cê entendeu?

J: Agora ele trouxe um treinador bom.

A: Paulo Autuore.

J: Paulo Autuore. Ele é muito bom!

A: Ele é diretor diretor do Cruzeiro, né?

J: Ele não quer mais ser treinador.

A: Ele não quer, mas ele assumiu a responsabilidade.

J: Mas ele é bom.

A: Ele é top de linha, ele foi campeão, o Botafogo 95.

J: 85.

A: 95.

J: Perdão, 95. O Botafogo, era muito bom.

A: A última brincadeira, quem você acha que ganha? Campeonato Brasileiro.

J: É querendo de, é, digo, se o Palmeiras perder para o Fortaleza, é uma tragédia e se o Palmeiras perder. O Botafogo vai ser campeão.

A: Eu acho que o Flamengo vem forte.

J: Não é está atrás.

A: O Tite é um cara que ganha. O Tite é um cara que ganha títulos. Ele provou isso no Corinthians. Ele provou isso ganhando Copa América com o Brasil, ele não conseguiu ganhar a Copa do Mundo mas ele sempre ganhou títulos na carreira por onde passou sempre ganhou um título ou outro. Eu acho que o Flamengo não está morto. O jogo Flamengo e Bragantino. Bragantino foi superior, mas o Flamengo foi mais decisivo.

J: Que nem eu te falo é. Seria uma tragédia o Palmeiras empatar ou perder, daí dá Botafogo e o Botafogo vai vim forte. Vai vir forte porque esse treinador novo ele é bom, é bom, não é ruim. Ele é substituí na hora certa. O Lúcio Flávio não soube substituir.

A: Não soube mexer com as peças.

J: Principalmente defesa, ele é atacante, meio de campo.

A: Por que você acha que eles não estão colocando o Segóvinha em campo? Porque já tem um tempo que o Segóvinha não vem jogando, né?

J: Não, o Segóvinha desequilibrava o jogo para o Botafogo tranquilo, mas ele deve estar fazendo algum tratamento e não está podendo jogar.

A: Na hora, né?

J: Na hora!

A: Que vai ser pego no doping, que é o cara, a coxa do cara era do tamanho do meu braço, agora a coxa dele é do tamanho disso.

J: Então é coxa, com certeza estão aumentando a musculatura dele não pode jogar porque aí vai.

A: Lógico que ele, se ele entrar em campo, a CBF manda puxar o doping, ainda mais com essa treta, essa confusão toda antes dele entrar, na hora que subir a placa a CBF manda, teste de doping Segóvinha.

J: Você vê que ele é um craque. Ele ponha a bola onde quer. Ele desequilibra!

A: Enquanto Luiz e Castro estava no Botafogo, ele entrava no segundo tempo para dar passe, para rasgar a defesa do time adversário.

J: Guardava 2, 3 gols tranquilos.

A: Então, tá. E quem você acha que cai?

J: Bom que cai, né? América? Lógico! Goiás.

A: Ainda não está rebaixado, só que vai ser rebaixado.

J: Curitiba.

A: Curitiba também é outro que já está na vala.

J: Então vamos lá primeiro. América, Curitiba, Goiás.

A: E a última vaga é de quem?

J: Vasco!

A: Você acha que é do Vasco?

J: Acho que é do Vasco.

A: Pelo que o Bahia apresentou ontem ou pela tabela que o Vasco pega, porque a tabela do Cruzeiro também é muito difícil.

J: Então pelo o que o Bahia apresentou ontem e o Rogério Ceni cresceu no jogo.

A: E aí, você acha que empurra o Vasco, não o Cruzeiro.

J: Vai o Vasco.

A: Então está certo. Muito obrigado pela sua presença, pela sua participação. É uma honra ter você aqui.

J: Um prazer!

A: É isso, torcedor torcedora. Contamos com você, deixe seu like. Se inscreva no canal e fique atento para os próximos vídeos. Obrigado, estamos juntos. Valeu.

